



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA**

**LAÍS DE OLIVEIRA SENA**

**LEITURA LITERÁRIA DO CONTO “O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA”,  
DE MURILO RUBIÃO**

**ITABAIANA/SE**

**2022**

**LAÍS DE OLIVEIRA SENA**

**LEITURA LITERÁRIA DO CONTO “O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA”,  
DE MURILO RUBIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeane de Cássia Nascimento Santos.

ITABAIANA/SE

2022

**LAÍS DE OLIVEIRA SENA**

**LEITURA LITERÁRIA DO CONTO “O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA”,  
DE MURILO RUBIÃO**

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jeane de Cássia Nascimento Santos  
(Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Sacramento de Oliveira  
(Examinadora)

ITABAIANA/SE

2022

Aos meus pais, Cristiane e José Veríssimo, com  
amor e gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e coragem durante toda esta longa e árdua caminhada. Pelo amparo em superar minhas dificuldades, a Ele eu devo a minha gratidão.

Aos meus pais, Cristiane e José Veríssimo, por toda dedicação que sempre tiveram comigo. Sempre fizeram mais que o bastante para a realização desse meu sonho; sem vocês eu não teria chegado tão longe, minha gratidão será eterna.

Aos meus avós, meus tios, minhas tias e minhas primas pelo amor e por me incentivarem a estudar. Desejo ser motivo de orgulho para vocês.

Ao meu companheiro, Pedro, pelo amor, companheirismo e apoio. Obrigada, especialmente, por sempre me ajudar genuinamente em todos os meus estudos desde o Ensino Médio. Você é imprescindível em minha vida.

À minha orientadora, Dra. Jeane de Cássia, pelo suporte durante todo o desenvolvimento desta pesquisa. Carregarei sempre comigo seu profissionalismo e sua dedicação com seus alunos.

Às minhas amigas de curso, Aline, Carolaine e Raiane. Vocês tornaram toda a trajetória mais leve. Obrigada por todos os momentos de estudos, de amizade e de companheirismo.

Ao professor Me. Luiz Carlos pela generosidade e disponibilidade em conceder sua turma para esta pesquisa.

Aos professores da UFS que contribuíram para a minha formação. Vocês foram essenciais na minha construção de conhecimento acadêmico e no meu desenvolvimento pessoal.

*“Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano”.*

(Tzvetan Todorov)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado *Leitura Literária do Conto “O Ex-Mágico da Taberna Minhota”*, de Murilo Rubião, apresenta como tema a leitura literária na escola. Tem-se como objetivos compreender os aspectos teóricos do gênero conto e analisar a narrativa fantástica “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, apresentar a proposta de letramento literário do autor Rildo Cosson (2006) e desenvolver e executar uma sequência básica (SB) constituída pelas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, elaborada em um total de oito aulas. A turma selecionada para essa experiência foi o 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio do Colégio Estadual Murilo Braga, localizado na cidade de Itabaiana, Estado de Sergipe, composta por 20 alunos com faixa etária entre 16 e 17 anos. A SB, neste TCC, além de contribuir na própria formação acadêmica e docente, buscou considerar a experiência em sala de aula e compreender como é, de fato, a execução de uma SB sobre leitura literária e como ela possibilitou aos alunos a interpretação do conto estudado. Diante disso, foi notável que os alunos participantes foram beneficiados com a sequência básica, pois possivelmente podem ter um novo olhar e uma outra perspectiva a respeito de textos literários. A elaboração desta pesquisa é de abordagem qualitativa, construída através de estudos teóricos, históricos e literários sobre o gênero conto e suas características, com análise dos aspectos da narrativa fantástica. Nesse sentido, este TCC encontra-se dentro do procedimento bibliográfico, e tem-se o objetivo explicativo para elucidar a fundamentação teórica analisada.

**Palavras-chave:** Leitura literária. Letramento literário. Sequência básica. Gênero conto.

## ABSTRACT

This Undergraduate Thesis, entitled *Literary Reading of the Tale “The Former Magician of Taberna Minhota”* (*Leitura Literária do Conto “O Ex-Mágico da Taberna Minhota”*), by Murilo Rubião, has as its theme the literary reading at school. Its objectives are to understand the theoretical aspects of the tale genre and analyze the fantastic narrative “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, present the proposal of literary literacy of the author Rildo Cosson (2006) and develop and execute a basic sequence (BS) constituted by the stages of motivation, introduction, reading and interpretation, elaborated in a total of eight classes. The class selected for this experiment was the 3rd Year D2 of the High School at Public School Murilo Braga, located in the city of Itabaiana, State of Sergipe, composed of 20 students aged between 16 and 17 years. The BS, in this Undergraduate Thesis, in addition to contributing to the academic and teaching training itself, sought to consider the experience in the classroom and understand how the execution of a BS on literary reading is, in fact, and how it has enabled students to interpret the studied tale. Therefore, it was remarkable that the participating students benefited from the basic sequence, as they could possibly have a new look and another perspective on literary texts. The elaboration of this research is of a qualitative approach, built through theoretical, historical and literary studies on the short story genre and its characteristics, with analysis of aspects of the fantastic narrative. In this sense, this Undergraduate Thesis is within the bibliographic procedure, and has the explanatory objective to elucidate the analyzed theoretical foundation.

**Keywords:** Literary reading. Literary literacy. Basic sequence. Tale genre.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Imagens do Colégio Estadual Murilo Braga.....	32
<b>Figura 02:</b> Grupos criando suas histórias.....	33
<b>Figura 03:</b> Capa do livro <i>Murilo Rubião: obra completa</i> .....	37
<b>Figura 04:</b> Alunos lendo “O Ex-mágico da Taberna Minhota”.....	38
<b>Figura 05:</b> Questionário do aluno B.....	40
<b>Figura 06:</b> Questionário do aluno F.....	41
<b>Figura 07:</b> Questionário do aluno I.....	41
<b>Figura 08:</b> Alunos assistindo ao curta-metragem <i>O Ex-mágico</i> .....	43
<b>Figura 09:</b> Alunos assistindo ao média-metragem <i>O Ex-mágico da Taberna Minhota</i> .....	44
<b>Figura 10:</b> Alunos criando contos.....	45
<b>Figura 11:</b> Conto “A Floresta Misteriosa”, do aluno F.....	46
<b>Figura 12:</b> Conto “Luz Vermelha Sobre as Águas”, do aluno I.....	47
<b>Figura 13:</b> Conto “Lembro Perfeitamente”, do aluno J.....	48

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 TEORIA DO GÊNERO CONTO</b> .....	14
<b>2.1 “O Ex-mágico da Taberna Minhota”</b> .....	17
<b>3 LEITURA LITERÁRIA</b> .....	22
<b>4 SEQUÊNCIA BÁSICA – PROPOSTA DE ATIVIDADES</b> .....	28
<b>4.1 Primeira etapa: motivação</b> .....	28
4.1.1 <i>Segunda etapa: introdução</i> .....	28
4.1.2 <i>Terceira etapa: leitura</i> .....	29
4.1.3 <i>Terceira etapa: interpretação</i> .....	29
<b>4.2 Execução da sequência básica – relato das atividades</b> .....	31
4.2.1 <i>Motivação</i> .....	32
4.2.2 <i>Introdução</i> .....	36
4.2.3 <i>Leitura</i> .....	38
4.2.4 <i>Interpretação</i> .....	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	52
<b>ANEXO A – “O Ex-mágico da Taberna Minhota”</b> .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do interesse em leitura literária na escola, despertado durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Sergipe, que oferece aos discentes acadêmicos a experiência em sala de aula. Diante dessa vivência, foi observada em diversos alunos a dificuldade em leitura e interpretação textual do gênero conto.

Por essa razão, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi elaborada uma proposta de sequência básica (SB) de letramento literário aos moldes do que propõe o autor Rildo Cosson (2006), e se utilizou o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”. A SB foi executada no 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio, para assim observar a leitura literária em sala de aula e como a SB desenvolvida neste trabalho pode auxiliar os alunos na interpretação do texto literário conto.

Especificamente, esta pesquisa tem como objetivos compreender os aspectos teóricos do gênero conto e analisar a narrativa fantástica “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, do autor Murilo Rubião, apresentar a proposta de letramento literário do autor Cosson (2006), além de desenvolver e executar uma proposta de SB baseada nesse estudioso.

Conforme Cosson, o letramento literário engloba uma configuração especial:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, que abordaremos adiante, o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2006, p. 12).

O autor (COSSON, 2006) traz uma problemática para contextualizar as questões de ensino de literatura nas escolas e indaga que, no Ensino Médio, as aulas de Literatura são limitadas a história da literatura brasileira, e o roteiro de ensino é sempre o mesmo: ler o texto, fazer resumo e /ou debater sobre a história lida. Diante dessas questões, o estudioso afirma estar falindo o ensino de literatura nas escolas.

Segundo Cosson (2006), para existir um bom ensino de literatura nas escolas, é necessário colocar como centro das práticas literárias a leitura real. Diante dela, os professores devem fornecer instruções especiais aos alunos, pois os livros não falam por si sós. Uma das importâncias da leitura literária é o efeito de proximidade com o leitor prestes a construir um diálogo com outras pessoas e com o mundo.

Para formar leitores literários capacitados para compreender a literatura, conforme Cosson (2006), somente ler não é o bastante, é necessário o letramento literário no processo educativo com o intuito de ir além da simples leitura. Na interpretação, é preciso um processo linear, seguido por três etapas: antecipação, decifração e interpretação.

A elaboração desta pesquisa é de abordagem qualitativa, que, de acordo com Oliveira (2007, p. 60), “visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa.” O objetivo do estudo, por sua vez, constitui-se exploratório, pois, ainda segundo Oliveira (2007), é necessário existir explicação de algum fato por meio das leituras, dos levantamentos e das análises bibliográficas.

Este trabalho foi construído através de estudos teóricos, históricos e literários sobre o gênero conto e suas características, com análise dos aspectos da narrativa fantástica. Nesse sentido, esta pesquisa encontra-se dentro do procedimento bibliográfico, que Oliveira (2007) explica como sendo um estudo por meio de análises de artigos científicos, livros, ensaios críticos, entre outros. Por esse motivo, tem-se o objetivo explicativo para elucidar a fundamentação desta pesquisa através das obras *Introdução à Literatura Fantástica* (1980), *Teoria do Conto* (1990), *A Criação Literária prosa I* (2006), *As Estruturas Narrativas* (2006), *Alguns Aspectos do Conto* (2006), *A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião* (2006), *Letramento Literário: teoria e prática* (2006), *Murilo Rubião: Conciliação Insólita de Cotidiano e Sobrenatural* (2009), *Mutações Epistemológicas e o Ensino da Literatura: o advento do sujeito leitor* (2012), *Práticas de Leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?* (2012) e *Murilo Rubião: obra completa* (2016).

No primeiro capítulo, se explana a respeito do contexto histórico e das características do gênero conto. Segundo Nádya Gotlib (1990), o conto escrito surgiu a partir do ato de contar histórias, na medida em que as pessoas se reuniam para conversar nas sociedades primitivas, durante as refeições ou numa troca de ideias, elas contavam e ouviam histórias de conquistas, perdas ou suspense.

De acordo com Massaud Moisés (2006), no decorrer do movimento romântico, o conto tinha o sentido de uma narrativa popular, inverossímil e fantástica. Porém, só com o movimento realista tornou-se uma narrativa formal e utilizada conforme é até os dias de hoje. Segundo o autor (MOISÉS, 2006), o conto é uma narrativa unívoca e univalente, pois há nele um ângulo dramático que representa a ação, e, com o passar do tempo, na prosa de ficção, o termo drama começa a significar atrito e conflito.

Segundo Julio Cortázar (2006), o conto é algo misterioso na literatura, um gênero difícil de definir, esquivo nos aspectos múltiplos e antagônicos. Um contista deve saber que não pode utilizar muito tempo em sua narrativa, dessa forma restarão mais recursos para trabalhar profundamente os espaços na história, pois sempre precisam estar condensados.

Esse capítulo é subdividido afim de analisar do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, escrito pelo contista brasileiro Murilo Rubião, conhecido por suas narrativas apresentarem o gênero fantástico empregado no cotidiano das personagens. A autora Magri considera as obras de Rubião como:

[...] classificadas pela crítica brasileira como fantásticos, um jogo que não cessa de ser jogado, ao misturar imagens bíblicas, personagens irreais imersas num cotidiano por demais vivido pelo leitor ou, ao contrário, personagens que encarnam homens normais imersas em situações improváveis. Ainda que as personagens ou seu mundo, umas ou outro, estão a dizer que o que se lê não é o real tal como o imaginamos ou podemos conceber dentro de sua lógica, somos levados a entrar num mundo a cada linha mais natural (MAGRI, 2009, p. 1).

Conforme Santos (2006), o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” relata a vida cotidiana do personagem, um homem com poder de realizar mágicas, porém incapaz de controlá-las, assim não consegue adaptar-se a esse mundo e prefere dedicar-se a cessar sua vida. Diante disso, fracassa nas tentativas de suicídio e se transforma em uma alegoria da impotência do ser humano.

O conto supracitado é considerado do gênero fantástico; de acordo com Tzvetan Todorov (2006), a narrativa fantástica causa no leitor uma percepção ambígua dos acontecimentos narrados e provoca integração e identificação no mundo das personagens. Além do acontecimento sobrenatural, um texto fantástico mantém-se nesse gênero quando há hesitação, simultaneamente, no leitor e no personagem da história.

No segundo capítulo desta pesquisa, é apresentada a proposta de sequência básica de Rildo Cosson (2006) em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática*. A obra dirige-se a “reformular, fortalecer e ampliar a educação literária” (COSSON, 2006, p. 12), ou seja, pretende formar uma comunidade de leitores capazes de identificar as relações que juntam seus integrantes no tempo e no espaço.

O terceiro capítulo é a metodologia e o desenvolvimento da SB com as quatro etapas propostas por Cosson (2006): motivação, introdução, leitura e interpretação. A SB foi aplicada no 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio do Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), localizado na cidade de Itabaiana, Estado de Sergipe.

Foram desenvolvidas um total de oito aulas dentro das quatro etapas propostas por Cosson (2006): dinâmica *Contação de histórias* para motivação; vídeos e slides com conceitos e exemplos do gênero conto e apresentação física do livro *Murilo Rubião: obra completa* (2016) para introdução; leitura do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” com questões e debates analíticos para leitura; questionários, debates, vídeos lúdicos e criação de contos para interpretação. Nesse mesmo capítulo, serão relatadas e analisadas as experiências da execução da sequência básica, juntamente com os registros interpretativos dos alunos.

## 2 TEORIA DO GÊNERO CONTO

Este primeiro capítulo apresenta a teoria do gênero conto, baseado em alguns autores literários como referenciais teóricos. Diante disso, são destacados trechos do conto estudado para esta pesquisa, “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, do escritor Murilo Rubião, para assim ser possível analisá-lo de acordo com as especificidades desse gênero literário.

Murilo Eugênio Rubião, contista brasileiro, segundo Santos (2006), nasceu em Minas Gerais no ano de 1916 e faleceu em Belo Horizonte no ano de 1991. Foi advogado, jornalista e escritor. Sua primeira obra lançada, *O Ex-mágico* (1947), composta por 15 contos, chamou atenção dos críticos por ser uma narrativa fantástica, até porque o momento literário brasileiro estava marcado pela prosa regional.

Para compreender os aspectos teóricos do gênero conto, primeiramente é necessário entender como foi a sua aparição. Conforme Gotlib (1990), esse surgimento se deu a partir do ato de contar histórias enquanto as pessoas se reuniam para conversar nas sociedades primitivas, durante as refeições ou numa troca de ideias.

Embora o início do contar história seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem histórias. Para alguns, os contos egípcios – Os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam (GOTLIB, 1990, p. 5).

Segundo a autora (GOTLIB, 1990), é impossível saber qual a origem da contação de histórias, porém os contos egípcios (os contos mágicos) são conhecidos como os mais antigos. No século XIV, os contos orais começam a ter uma narrativa escrita e depois ganham uma categoria estética. O conto passava primeiramente pela criação, depois pela transmissão oral, até chegar à fase do registro escrito, e se torna literário quando o narrador assume a função de “contador-criador-escritor de contos” (GOTLIB, 1990, p. 9). Quando o conto começou a ter uma narrativa escrita, surgiram as dúvidas se ele teria uma teoria desvinculada, ou não, de outros gêneros textuais, assim como o romance, a novela etc.

Cortázar (2006) aclara o conto como um gênero literário misterioso e difícil de ser definido, “tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos” (CORTÁZAR, 2006, p. 149). Já para Moisés (2006), na literatura o conto significa história, historieta, narrativa, fábula e caso. No decorrer do movimento romântico, tinha o sentido de uma narrativa popular, inverossímil e

fantástica. Somente com o movimento realista tornou-se uma narrativa formal e utilizada como é até os dias de hoje.

O conto não precisa ter compromisso com a realidade, com a verdade ou com a falsidade, pode ser um relato de algum acontecido, ou uso criativo da imaginação de quem o escrever, pois a ficção não tem limites. Assim, a autora ainda elucida:

Trata-se de registrar qual realidade nossa? a nossa cotidiana, do dia-a-dia? ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade contada literariamente, justamente por isto, por usar recursos literários segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? não seria já produto de um autor que as elabora enquanto tal? Há, pois, diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura. Tal como o tamanho, literatura não é documento. É literatura. Tal qual o conto, pois. O conto literário (GOTLIB, 1990, p. 8).

Segundo Moisés (2006), o conto foi dividido em duas formas: simples e artística. A forma simples era as narrativas folclóricas, as fábulas e as demais histórias com alguma moral ou exemplo. A forma artística era mais voltada para a literatura propriamente dita, o contista criava a sua própria história sem se prender ou se basear em estórias passadas, como os mitos. Somente no século XIX o conto começa a ser totalmente definido como forma artística e abandona a forma simples.

Moisés (2006, p. 40) define o conto como uma narrativa “unívoca e univalente”. No conto, há um ângulo dramático que significa drama e ação, e, com o passar do tempo, na prosa de ficção, o termo drama passou a representar atrito e conflito, e contém uma unidade de ação, o conflito existente na história. A ação no conto pode ser interna – quando o conflito acontece na mente da personagem – ou externa – quando as personagens se movem para outros espaços ou tempos.

Os contos de Murilo Rubião se passam em espaços de cenários urbanos e modernos, afirma Santos (2006), o que se nota em “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, uma narrativa ambientada numa área urbanizada: “[...] sentado em algum café, a olhar cismativamente o povo desfilando na calçada [...]” (RUBIÃO, 2016, p. 17). A unidade de ação é externa, visto que o personagem muda de espaço: “afastei-me da zona urbana e busquei a serra” (RUBIÃO, 2016, p. 18), e também muda de tempo, o qual será explicado mais adiante.

Gotlib (1990) apresenta uma teoria do contista e crítico literário Edgar Allan Poe. Essa teoria é baseada na reação ou no efeito que a história pode causar no leitor. Deve ser uma narrativa curta para ser lida no máximo em duas horas, e durante a leitura a alma do leitor precisa ser controlada pelo escritor. Dessa forma, o conto em análise corresponde à teoria de

Poe, pois é composta de apenas quatro páginas e causa curiosidade no leitor para descobrir o desfecho da narrativa, ou seja, o que acontecerá com a vida do mágico sofredor.

Conforme Gotlib (1990), o contista Tchekchov considera um bom conto aquele constituído por brevidade e novidade; efeito ou impressão total no leitor, ou seja, manter sempre um suspense para causar esse efeito; força para enlevar a atenção do leitor; clareza para o leitor compreender imediatamente o que o escritor quis dizer; compactação, ser curto e condensado; objetividade, pois, quanto mais objetivo ele for, mais forte será o efeito. Além disso, precisa ter graciosidade, que acontece quando o autor utiliza poucos movimentos na ação de algum personagem.

O conto de Murilo Rubião apresenta essas características citadas por Gotlib (1990), a narrativa é breve, curta, condensada, objetiva e graciosa por ser desenvolvida em poucas páginas. Além disso, apresenta uma linguagem de fácil compreensão e com recursos simples, facilitando o entendimento das ações do personagem principal. Mantém o suspense e prende a atenção do leitor para descobrir o destino do personagem: “[...] minha primeira providência foi adquirir uma pistola [...] levei a arma ao ouvido. Puxei o gatilho [...]” (RUBIÃO, 2016, p. 17). E, como novidade, tem-se o fato de uma pessoa fazer mágicas sem planejá-las.

A unidade de ação condiciona as características do conto, e uma delas é a noção de espaço, o lugar onde acontece a história. Segundo Moisés (2006), em alguns contos há mais de um espaço no enredo, o espaço-sem drama é o lugar ocupado pelas personagens antes do acontecimento principal do conto. E espaço-com drama é onde se desenrola a cena principal da história, ou seja, o conflito. A unidade de tempo define a duração da história, em dias, semanas, meses ou anos, podendo ter uma ordem cronológica dos acontecimentos, pois há narrativas envolventes no passado da personagem. Nesse caso, o conto é narrado, inicialmente, no presente: “hoje sou funcionário público” (RUBIÃO, 2016, p. 15), e depois no passado: “um dia dei com meus cabelos ligeiramente grisalhos” (RUBIÃO, 2016, p. 15). Com isso, se percebe que o personagem está a narrar momentos transcorridos de sua vida.

De acordo com Moisés (2006), a objetividade é a concentração na parte fundamental da história e está presente na unidade de ação, de tempo e de lugar. Ademais, o estudioso acrescenta a unidade de tom, baseada na unidade de efeito e impressão do autor Edgar Allan Poe. Ela representa o efeito causado no leitor, seja medo, ódio, indiferença, tristeza, ou qualquer outro sentimento. A linguagem do conto, segundo Moisés (2006), deve ser leve, direta, concreta e objetiva a fim de facilitar a compreensão do leitor. Também precisa de diálogo porque sem ele não existe enredo no conto e sem o diálogo não há uma das mais importantes unidades, a de ação.

Todo conto precisa ter noção de limite, primeiramente o físico, ou seja, não pode ser extenso, caso ultrapasse 20 páginas, segundo Cortázar (2006), na França seria considerado uma novela. Ademais, não se pode utilizar muito tempo na narrativa, e assim restam mais recursos para trabalhar profundamente os espaços na história. Todavia, o tempo e o espaço precisam sempre estar condensados. O conto é significativo quando “quebra seus próprios limites” (CORTÁZAR, 2006, p. 153) e utiliza criatividade, além do imaginável para a história contada. Desenvolver com sabedoria o tema escolhido é fundamental para uma boa construção da narrativa.

O foco narrativo é um elemento de suma importância na estrutura e está dividido em quatro tipos, segundo Moisés (2006). No primeiro, a personagem principal narra sua história e utiliza a primeira pessoa do singular ou do plural. No segundo foco, uma personagem secundária narra a história da personagem central, o que significa que uma terceira pessoa conta a história da principal. O terceiro é quando o narrador analítico ou onisciente conta a história. Esse tipo de narrador sabe de absolutamente tudo da vida das personagens, uma vez que penetra na intimidade dos pensamentos e das emoções. O quarto foco narrativo, narrador observador, conta a história apenas pela observação dos olhos, não se intromete e não dá opiniões, narra apenas seus registros.

## **2.1 “O Ex-mágico da Taberna Minhota”**

De acordo com Santos (2006, p. 5), os contos de Murilo Rubião compõem “um mundo em que a realidade se apresenta de forma grotesca e alegórica; o homem é sufocado pelo seu cotidiano e a atmosfera pesada aponta para o absurdo, para o ilógico”. Em suas narrativas sempre ocorrem situações insólitas, e o fantástico a todo momento é oposto à realidade.

O conto em questão para esta pesquisa, “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, é uma história protagonizada e narrada por um homem que afirma ser funcionário público e foi “atirado à vida sem pais, infância ou juventude” (RUBIÃO, 2016, p. 15). Desde o início da história, nota-se o narrador personagem fazendo confissões sobre desconsolo, tédio, amargura, dissabores e solidão com sua própria vida.

A professora Ieda Magri (2009) analisa o relato do personagem sobre não ter tido infância e juventude como uma possível hipérbole, ou que ele estivesse tentando pregar uma peça nos leitores, até porque não é possível uma pessoa nascer adulta. Na frase seguinte, ele afirma: “um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota” (RUBIÃO, 2016, p. 15). A priori, é possível notar que ele está relatando uma história

do seu passado, e Magri (2009) analisa a possibilidade de considerar essa personagem um ser humano diferente dos que existem no mundo real; além disso, talvez tivesse perdido a memória ou estivesse louco.

Quando ainda estava dentro da Taberna Minhota, aconteceu a primeira situação insólita do conto: “tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo” (RUBIÃO, 2016, p. 15); então, sem espanto, o protagonista responde que simplesmente estava cansado, e o dono do restaurante não questiona essa resposta e não insiste em compreender.

Diante desse acontecimento, a pesquisadora ressalta:

A partir desse primeiro pacto em que o leitor é levado a aceitar como natural o aparecimento de uma personagem que já nasce velha e capaz de fazer mágicas, fica estabelecido que as regras da leitura são outras que não as do mundo real. Entramos num mundo em que outras possibilidades são avaliadas e calculamos que não teremos nenhum prejuízo em acreditar no que esse velho e cansado narrador tem a nos dizer (MAGRI, 2009, p. 3).

Essa narrativa, de acordo com Magri (2009, p. 7), estabelece que “a hesitação está apenas entre a entrega ao encantamento ou a uma leitura alegórica”. Conforme Tzvetan Todorov (2006), o espírito da narrativa fantástica é justamente a zona da hesitação para causar no leitor uma indecisão em acreditar no acontecimento sobrenatural da história narrada. Causa também uma percepção ambígua dos acontecimentos narrados, provocando uma integração e identificação com o mundo das personagens.

[...] tendemos para o maravilhoso, já que um homem que nasce velho e tira o dono do restaurante onde se percebe nascido, do bolso, não pode ser concebido como natural e nenhum acontecimento narrado no decorrer do texto pode explicar logicamente este fato. Precisamos, sim, de novas regras e, não fosse a presentificação e a alusão imediata à realidade de funcionário público do narrador, logo no início do conto, poderíamos classificá-lo como maravilhoso (MAGRI, 2009, p. 4).

Como a autora cita acima, o conto também pode ser visto pela ótica do gênero maravilhoso, pois, segundo Todorov (1980, p. 25), “[...] não é possível excluir de uma análise do fantástico, o maravilhoso e o estranho, gêneros aos quais se sobrepõe”. Sendo assim, o autor continua:

[...] o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas

e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (TODOROV, 1980, p. 24).

O gênero estranho e o maravilhoso são considerados por Todorov (2006) como “vizinhos” do fantástico. Cada um tem subgêneros transitórios, a saber: fantástico-estranho, estranho puro, fantástico-maravilhoso, fantástico puro, maravilhoso puro. No fantástico-estranho, há acontecimentos sobrenaturais, mas se diferencia dos outros no final da narrativa, quando a personagem e o leitor conseguem encontrar definições racionais que expliquem o sobrenatural da história. Algumas explicações podem ser usadas para o acontecimento sobrenatural, por exemplo, o sonho, a ilusão de sentidos, sob efeito de drogas e até mesmo a loucura.

O estranho puro é definido por Todorov (2006, p. 158) como “acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são [...] incríveis, extraordinárias, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos.” O fantástico-maravilhoso se inicia como fantástico e termina a história com aceitação do sobrenatural, desse modo acaba se aproximando do fantástico puro e tem como característica a existência do sobrenatural. O maravilhoso-puro é definido como uma narrativa em que o sobrenatural não provoca reações na personagem nem no leitor, tornando-se algo característico da natureza.

Magri (2009) esclarece que, mesmo com seus argumentos sobre o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” apresentar características do gênero maravilhoso, as narrativas de Rubião desde o princípio são consideradas como fantásticas, com realismo mágico, sobrenatural e absurdo, sendo assim é irrevogável categorizá-las em outro gênero, pois suas histórias possuem coerência e assim nos levam a desconfiar da nossa própria realidade e das nossas certezas.

Segundo Santos (2006), o conto em análise está dentro das características do fantástico, uma vez que há a presença do desconhecimento lógico com o realismo mágico, e “o discurso fantástico caracteriza-se pela antinomia real/irreal, que é a marca do contraste entre razão e desrazão. É essa antinomia que governa a obra muriliana” (SANTOS, 2006, p. 4). O autor continua a esclarecer:

Em todos os contos murilianos, o insólito e o estranho ocorrem no universo familiar e o cotidiano é abalado pela irrupção de um acontecimento desconhecido. Assim, conclui-se que o fantástico é, por natureza, antinômico, aliando sua irrealidade primeira a um realismo segundo (SANTOS, 2006, p. 5).

Como o fantástico é um gênero difícil de ser definido, Todorov (2006) conclui que a maior definição do gênero fantástico é a vacilação/hesitação comum entre a personagem da história e o leitor em decidirem se o acontecimento insólito tem ou não uma explicação provida da realidade.

Sucessivamente, acontecem outras mágicas feitas pelo personagem, mas nenhuma delas era intencional, ele não tinha o controle de seus truques mágicos: “[...] sem querer, começava a extrair do chapéu coelhos, cobras, lagartos [...]” (RUBIÃO, 2016, p. 15). Por esse motivo, sua vida tornou-se insuportável, e ele tentou o suicídio três vezes: “Eu, que podia criar outros seres, não encontrava meios de libertar-me da existência” (RUBIÃO, 2016, p. 17). Porém, todas as tentativas foram falhas, visto que sempre acontecia uma mágica que o impedia de cometer o ato.

A primeira tentativa foi tirar dos bolsos vários leões para devorá-lo, mas não fizeram nenhum mal ao mágico, então “matei-os todos e me pus a devorá-los. Esperava morrer, vítima de fatal indigestão” (RUBIÃO, 2016, p. 18), mas causou “uma imensa dor de barriga e continuei a viver” (RUBIÃO, 2016, p. 18). Magri (2009) considera essa situação como uma zoomorfização ou metamorfose, pois, ao engolir os leões, o homem mágico age como uma fera dominada pela raiva. De outra vez, atirou-se de um precipício, contudo sentiu “uma leve sensação da vizinhança da morte: logo me vi amparado por um paraquedas” (RUBIÃO, 2016, p. 18). Por último, tentou atirar em si mesmo com uma pistola, e magicamente ela se transformou em um lápis. Magri sugere um aprendizado diante dessas tentativas:

O aprendizado, portanto, de que nenhum dos meios tradicionais seria capaz de quitar-lhe a vida e a consciência de estar desamparado, conforme já anunciava a epígrafe do conto, retirada dos Salmos: “Inclina, senhor, o Teu ouvido, e ouve-me; porque sou desvalido e pobre” (MAGRI, 2009, p. 5).

No trecho a seguir do conto, de acordo com Magri (2009), o narrador ameaça a sintonia entre leitor e personagem, visto que se vitimiza como uma espécie de piada brasileira:

Uma frase que escutara por acaso, na rua, trouxe-me nova esperança de romper em definitivo com a vida. Ouvira de um homem triste que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos. Não me encontrava em condições de determinar qual a forma de suicídio que melhor me convinha: se lenta ou rápida. Por isso empreguei-me numa Secretaria de Estado. (RUBIÃO, 2016, p. 19).

O personagem torna-se funcionário público e, conforme pensava, não morreu. Suas aflições já não eram mais voltadas às mágicas incontrolláveis, eram por lidar com os homens, pois estes lhe causavam náuseas. Quando tenta fazer uma mágica, não consegue, alega ter sido

“anulada pela burocracia” (RUBIÃO, 2016, p. 20). O personagem acaba se apaixonando: “o amor que me veio por uma funcionária, vizinha de mesa de trabalho, distraiu-me um pouco das minhas inquietações” (RUBIÃO, 2016, p. 20). Segundo Magri (2009), além de ter aceitado a sua existência, o ex-mágico conheceu o amor.

Em última análise, a autora em tela chega à conclusão de que o conto, além de apresentar poderes sobrenaturais, está “carregado de crítica e beira o jocoso, fazendo piada de situações conflituosas presentes no cotidiano” (MAGRI, 2009, p. 7). O caráter literário dessa narrativa habita na distância entre as informações sobre ser funcionário e a incongruência da sua vida como mágico.

### 3 LEITURA LITERÁRIA

O professor Rildo Cosson é pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) da Faculdade de Educação da UFMG. Em seu livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2006), busca relatar experiências sobre letramento literário construídas ao longo de seu percurso profissional.

Ao falar sobre a literatura nas escolas, Cosson (2006) aponta divergências entre alunos, professores, dirigentes e sociedade sobre como ela deve ser ensinada. Muitos deles “pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa” (COSSON, 2006, p. 10), outros “desejam muito estudar literatura” (COSSON, 2006, p. 11), mas, pela forma como ela é apresentada ou por supressões culturais, às vezes torna-se inacessível.

Na introdução do livro, Cosson informa qual o seu objetivo nessa obra:

É para essas situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola que escrevemos este livro. *Letramento Literário: teoria e prática* é uma proposta de ensino da leitura literária na escola básica. Resultados de vários anos de leitura, pesquisas, práticas, de sala de aula minhas e de colegas, de alunos e de alunos de alunos, não foi escrito para especialistas, mas sim para professores que desejam fazer do ensino da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos (COSSON, 2006, p. 11).

Segundo Cosson (2006), o letramento não se trata apenas da habilidade de ler e escrever, isso se chama alfabetização. O letramento está voltado para a “apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (COSSON, 2006, p. 11). Já o letramento literário tem uma configuração especial em razão de seu processo ser feito através de textos literários para compreender o uso social da escrita e a forma que garante o domínio efetivo da literatura. Desse modo, o autor acrescenta:

Neste livro, vamos tratar do letramento literário no que se refere a processo de escolarização da literatura. A proposta que subscrevemos aqui se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto de uma maneira própria de ver e viver um mundo (COSSON, 2006, p. 12).

Apenas a leitura de um livro não pode ser considerada uma atividade de leitura literária, visto que “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na

escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas” (COSSON, 2006, p. 26). Por esse motivo, há estranhamento dos educadores em entender que o letramento literário vai além da leitura de obras.

Somente ler não é o suficiente para o letramento literário; diante disso, Cosson (2006) aponta duas pressuposições nesse sentido. A primeira: “os livros falam por si mesmos ao leitor” (COSSON, 2006, p. 26), isso acontece porque a leitura fora da escola está bastante voltada para a maneira como a escola ensinou a ler. Os livros, assim como os fatos, não falam por si mesmos, e sim os mecanismos utilizados para a interpretação. A outra pressuposição, ler é um ato solitário, tenta justificar a não realização de leitura na escola por haver desperdício de tempo.

No entanto, como Cosson (2006) analisa, a leitura pode ser solitária, mas a interpretação é um ato solidário, por isso a importância de ler na sala de aula. Assim, “abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto” (COSSON, 2006, p. 27). Portanto, ler pode ser considerado solitário, mas sempre será solidário.

Para introduzir a sequência básica proposta por Cosson, primeiramente se ressalta o seguinte relato do autor:

Quando começamos a trabalhar com a montagem das sequências para o letramento literário na escola, elaboramos primeiro a sequência básica e ficamos satisfeitos com os resultados obtidos. Alunos de todas as idades e níveis escolares respondiam a estratégia na sequência com entusiasmo e produziam leituras significativas dos textos literários. O envolvimento de alunos e professores nas atividades mostrava que o letramento literário preconizado pelo método era novo caminho que abria ao ensino de literatura na escola (2006, p. 75).

Segundo Cosson (2006), o primeiro passo para a construção da SB é a motivação. Antes da leitura do texto literário, é essencial ter uma preparação e antecipação para introduzir o aluno ao texto que será lido em uma outra aula, inclusive “a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ao posicionar-se diante de um tema” (COSSON, 2006, p. 55) representa uma das maneiras mais comuns na construção da motivação.

A motivação nem sempre precisa ser temática, pode ser um elemento lúdico para promover uma aproximação indireta do aluno com a obra literária. “[...] naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. Aliás, influências sempre existem em qualquer processo de leitura” (COSSON, 2006, p. 56). O autor esclarece:

Algumas motivações exclusivamente orais ou escritas se mostram igualmente positivas. Todavia, compor a motivação com uma atividade integrada de leitura, escrita e oral parece ser uma medida relevante para a prática do ensino de língua materna na escola. Além disso, essas atividades integradas de motivação tornam evidente que não há sentido em separar o ensino da literatura do ensino de língua portuguesa porque um está contido no outro (COSSON, 2006, p. 57).

De acordo com o referido autor, a motivação é uma base na qual podem existir boa compreensão e interpretação do aluno com o texto literário; ela deve ser construída e realizada apenas para a primeira aula, caso ultrapasse essa regra, já não será mais considerada uma motivação.

A segunda etapa denominada por Cosson (2006) é introdução, momento para apresentar o autor e a obra. Nesta etapa, o professor deve ter alguns cuidados, por exemplo, não se alongar na explicação sobre a biografia do autor e levar apenas informações necessárias para os leitores. Além disso, se possível, essas informações podem ter relação com o texto a ser lido.

É importante expor a obra física, ou seja, mostrar o livro para os alunos e até mesmo levá-los à biblioteca da escola para assim chamar a atenção deles e realizar uma leitura coletiva da capa, da orelha e dos elementos paratextuais da obra. Conforme o autor (COSSON, 2006), seja qual for a estratégia utilizada pelo professor, é interessante ter bastante cuidado para não fazer uma síntese do texto literário e eliminar o prazer da descoberta do aluno, somente o necessário para despertar a curiosidade sobre o desenvolvimento da história.

As apreciações críticas presentes nas orelhas ou na contracapa são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação. O professor pode aproveitar o tom positivo desses textos para explicitar aos alunos as qualidades que levaram a selecionar tal obra. Eles também podem ser usados para mostrar os caminhos de leitura previstos pelo autor/editor. Deve-se, todavia, ter o cuidado de não tomá-los como a direção de leitura da obra, mas sim como uma leitura entre outras (COSSON, 2006, p. 61).

Na introdução não é permitido estender-se em muitas aulas, sua função é apenas ajudar o aluno a receber o texto de um modo positivo. Segundo Cosson (2006, p. 61), “a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio [...] outras incursões na materialidade da obra” são os aspectos obrigatórios para uma boa introdução.

A leitura é a terceira etapa da sequência básica. É o momento de o professor solicitar a leitura do texto ou da obra literária; segundo Cosson (2006), é essencial o acompanhamento da leitura do aluno, pois, quando o texto a ser lido é extenso, o ideal é ser lido em casa, na biblioteca ou em uma sala apropriada, mas durante esse período o professor deve requisitar que os alunos

apresentem os resultados da leitura. Essas ocasiões são consideradas intervalos de leitura e podem ser realizadas por roda de conversas com a turma ou com atividades específicas, as quais o professor sinta a necessidade de elaborar. O autor ressalta:

[...] A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura (COSSON, 2006, p. 62).

Nos intervalos com atividades específicas, o professor pode apresentar outros textos menores relacionados ao texto principal, a fim de promover uma “focalização sobre o tema da leitura” (COSSON, 2006, p. 63), e permitir aproximações entre o novo texto e o anterior. As atividades nos intervalos de leitura funcionam como um “diagnóstico da etapa da decifração no processo de leitura” (COSSON, 2006, p. 64), assim o professor perceberá os aprendizados e as dificuldades de cada aluno e poderá ajudá-los em suas dúvidas, seja na interação com o texto ou no ritmo de leitura.

A última etapa da SB é chamada de interpretação. Segundo Cosson (2006), está ligada à compreensão dos enunciados para alcançar a produção de sentido do texto que envolve um diálogo entre autor, leitor e comunidade. O autor divide a interpretação do processo de letramento literário em dois momentos: interior e exterior.

A interpretação interior está voltada ao acompanhamento do professor com o aluno em relação à decifração de cada palavra, página e capítulo do texto, ou seja, é de fato o encontro do leitor com a obra. Nenhum mecanismo pedagógico pode substituir a leitura do texto nesse momento interior, seja resumo do texto, filmes, séries. “[...] A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura” (COSSON, 2006, p. 65), ela é íntima e pessoal para cada leitor, mas, segundo o autor, esse momento interior é um ato social.

A interpretação externa é “a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2006, p. 65). Ao interpretar um texto, o aluno sente-se tocado pela visão de um novo mundo e pode compartilhar seus sentimentos e suas reflexões com os colegas. Nessa linha de pensamento, quando se compartilha uma interpretação individual, os alunos ficam cientes de que são membros de uma coletividade de leitores e assim ampliam seus horizontes de leitura. Cosson ressalta:

Esse trabalho requer uma condução organizada, mas sem imposições. Não cabe, por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. Também é pertinente aceitar que a simples existência de uma tradição

autorizada resposta pela interpretação. Tampouco é adequado ceder a pretextos dúbios como o de que o professor deve guardar para si sua interpretação para não interferir nas conclusões dos alunos ou de que a interpretação é individual e não pode ser feita em grupos ou pelo conjunto da turma. Se for para haver limites, que eles sejam buscados na coerência da leitura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. Só assim teremos de fato uma comunidade, e seus leitores poderão, tanto no presente quanto no futuro, usar a força que ela proporciona para melhor ler o mundo e a si mesmos (COSSON, 2006, p. 66).

Nesta etapa, segundo Cosson (2006), há atividades interpretativas, as quais têm como princípio a externalização da leitura, conhecida como registro. Essa atividade de registro pode variar de acordo com o texto, a série escolar e a idade dos alunos. O estudioso oferece algumas dicas de registro, como uma música capaz de expor os sentimentos da personagem ou do próprio aluno ao ler o texto, uma resenha para registrar as impressões sobre o texto lido, uma performance dramatizando cenas do texto, um registro anônimo para expor na sala de aula, colagens para representar características da obra ou uma elaboração de maquetes reproduzindo o cenário interpretado no texto.

Como aponta Cosson (2006), não há restrições para o professor elaborar a atividade interpretativa, a diversidade de opções dependerá da turma, do texto escolhido e dos objetivos do professor, a única observação é conservar, no registro, a essência da leitura inicial. “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre leitores da comunidade escolar” (COSSON, 2006, p. 68). Quando o professor seguir todas essas etapas da sequência básica, sistematizará seu trabalho e oferecerá aos seus alunos um procedimento compreensível de letramento literário.

Complementa-se a fundamentação teórica deste capítulo com os apontamentos feitos pela autora Annie Rouxel (2012), professora de Língua e Literatura, sobre leitura escolar. Esse tipo de leitura deve ser objetiva, erudita e neutra, sendo necessário transformá-la para ter relação com o texto, “reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido” (ROUXEL, 2012, p. 14). Diante dessas observações, a estudiosa informa as mutações epistemológicas.

A primeira mutação, “a literatura como ato de comunicação: a importância da recepção” (ROUXEL, 2012, p. 15), refere-se à literatura “até então essencialmente definida por sua autorreferencialidade” (ROUXEL, 2012, p. 15). A segunda, “a leitura literária e a consideração dos leitores reais: do texto do autor ao texto do leitor” (ROUXEL, 2012, p. 16), significa uma mudança de foco entre a interpretação do texto, a atividade de leitor e sua ligação com o objeto do texto.

Já a terceira é “uma relação distanciada com o texto a uma distância implicada e flutuante: a identificação reabilitada” (ROUXEL, 2012, p. 16), essa identificação tem em jogo a identidade do sujeito. A mutação “da interpretação hermenêutica à atividade interpretativa guiada pelos movimentos da subjetividade” (ROUXEL, 2012, p. 17) coincide com dois níveis de leitura, a compreensão e a interpretação. A última mutação, “da cultura literária à biblioteca interior” (ROUXEL, 2012, p. 18), está relacionada com a cultura literária como um lugar simbólico repleto de referências pessoais e comuns dispostas pelas subjetividades dos leitores.

De acordo com Rouxel (2012), quando o professor opta por utilizar uma abordagem mais sensível, menos formal, o ato de ler e uma “noção de espaço intersubjetivo ao conceito de arquiteitor” (ROUXEL, 2012, p. 20) são consequências do ensino de literatura nas escolas e fazem refletir tanto sobre o ensino quanto sobre a abordagem subjetiva dos textos. A autora enfatiza ainda a importância de o professor formar-se como leitor, de ouvir outros leitores em comunidades de interpretações e de contribuir com pesquisas sobre emoções e atitudes. Então, como iniciante, é necessário experimentar em suas aulas novos conhecimentos procedentes de pesquisas.

Rouxel (2012) descreve práticas de leitura que são possíveis de emergir o sujeito leitor para o sujeito escolar. A leitura analítica é a primeira prática citada pela autora e significa uma leitura vagarosa interessada nos detalhes do texto e “pretende formar um leitor capaz de responder às injunções do texto” (ROUXEL, 2012, p. 275). A leitura cursiva é uma prática autônoma, pessoal e mais flexível, definida como corrente, direta, livre e “introduz, na leitura escolar, um espaço de liberdade para o sujeito leitor” (ROUXEL, 2012, p. 276). Já a leitura privada é considerada como difícil de pormenorizar o sujeito leitor, nesse caso, as características escritas dessa leitura são de difícil compreensão.

## 4 SEQUÊNCIA BÁSICA – PROPOSTA DE ATIVIDADES

As aulas construídas nessa sequência básica, como mencionado, são baseadas na proposta de letramento literário do autor Rildo Cosson (2006), através da leitura literária do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, do escritor Murilo Rubião. Diante das concepções do estudioso (COSSON, 2006) citadas no capítulo anterior, vale ressaltar que a SB é elaborada com as etapas motivação, introdução, leitura e interpretação.

### 4.1 Primeira etapa: motivação

A primeira etapa é uma antecipação da leitura e consiste em preparar o aluno para entrar no texto. No primeiro momento, pergunta-se oralmente à turma: vocês já leram algum texto de terror? Pode nos contar? E filme de terror, alguém já assistiu? Quem pode contar uma história assustadora de que já ouviu falar?

Logo após a discussão sobre histórias de terror, solicita-se a participação da turma para uma dinâmica chamada *Contação de histórias*. Na execução, é necessário haver quatro grupos de alunos para que juntos possam construir uma história.

Para estimular a criatividade da turma, sorteiam-se cartões (um para cada grupo) com elementos que precisam obrigatoriamente estar na história, mas não exclusivamente. Os elementos para o estímulo são personagens, espaços, objetos, ações e sentimentos. No cartão 1, constam: vampiro, floresta, vaso, correr, medo; no cartão 2: dragão, céu, caneta, voar, inveja; no cartão 3: mulher, sótão, máquina, gritar, desespero; e no cartão 4: formiga, escola, casaco, tossir, susto.

Assim que todos os grupos estiverem com os elementos, o tempo deve ser delimitado para que formulem suas histórias e, por fim, apresentem oralmente à turma.

#### 4.1.1 Segunda etapa: introdução

A etapa de introdução consiste na apresentação do autor e da obra, inclusive informar a justificativa do texto escolhido para que os alunos possam compreender a relevância da obra, além de mostrar fisicamente o livro. Esta etapa tem duração de uma aula, e seu primeiro momento é de forma expositiva; apresenta-se, por meio de um projetor, um vídeo intitulado *Contos Fantásticos*, com duração de três minutos e quatorze segundos, disponível através do link <<https://www.youtube.com/watch?v=p8rkH7EcVYo>>, publicado no canal Patrícia

Nolasco do *YouTube*. A partir desse recurso audiovisual, explicam-se, através de um slide, as características do gênero e os elementos narrativos.

Em seguida, mostra-se um outro vídeo, intitulado *Centenário Murilo Rubião*, com duração de um minuto e nove segundos, disponível para acesso através do link <<https://www.youtube.com/watch?v=EpOMDjzripk>>, publicado no Canal Rede Minas, na plataforma *YouTube*. Depois se apresenta fisicamente à turma o livro *Murilo Rubião: obra completa*.

Para finalizar a aula, instiga-se a curiosidade sobre o título do texto a ser lido na próxima aula com os seguintes questionamentos: o que vocês acham que esse termo “ex-mágico” significa? Quem sabe o que significa uma taberna? E a palavra “minhota”, quem sabe o significado? Podem imaginar a história que é contada através desse título?

#### 4.1.2 Terceira etapa: leitura

Esta etapa representa o acompanhamento da leitura para auxiliar os alunos em qualquer dificuldade com duração de uma aula. Nesse momento, entrega-se o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” aos alunos e solicita-se, primeiramente, a leitura individual, depois o professor deve ler para a turma.

Após a leitura, os alunos podem ser estimulados com as seguintes questões orais: o que acharam do texto? Algum de vocês já o tinha lido antes? Vocês acreditam em mágicas? Acreditam que seres sobrenaturais existem na vida real? Já viram algum mágico de perto? Quem já viu pessoalmente um mágico, ele tem alguma característica semelhante ao mágico da história? No texto, qual a mágica que mais chamou a atenção de vocês? Acreditam que existem mágicos que fazem mágicas “sem querer”? Vocês gostariam de fazer mágicas igual ao personagem? Por quê?

#### 4.1.3 Terceira etapa: interpretação

A interpretação é a última etapa da SB e consiste em questões que buscam envolver as práticas e as reflexões sobre a literatura e o que deve ser feito para compreender e interpretar o texto literário. Ao todo são cinco aulas para trabalhar a interpretação. Na primeira, realiza-se o momento interior correspondente à interpretação por decifração do texto lido, denominado encontro do leitor com a obra.

Para essa primeira interpretação, entrega-se um questionário com as seguintes perguntas:

- Quais características do gênero fantástico estão presentes nesse conto? Retire trechos e justifique sua resposta.
- O que você compreendeu ao ler este trecho: “Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude. Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos [...]”?
- Qual a situação insólita que mais chamou sua atenção na história? Por quê?
- Quais os motivos que levaram o mágico a tentar o suicídio? Justifique sua resposta.
- O objetivo do mágico ao entrar na profissão de funcionário público era para “suicidar-se aos poucos”. Na sua opinião, ele conseguiu o que queria? Justifique sua resposta.
- Concorda que o personagem aceitou sua própria existência ou ele ainda continuou desconsolado? Por quê?
- O personagem afirma que nunca teve “uma experiência sentimental” antes, e então se apaixona pela sua colega de trabalho. Comente sobre isso.
- Qual a sua opinião sobre a mágica do personagem ter sido “anulada pela burocracia”?
- Qual a relação da epígrafe (frase abaixo do título) com a história do conto?
- Esse conto pode nos levar à reflexão de que, na maioria das vezes, as pessoas não estão satisfeitas com a própria vida? Por quê?

A segunda aula corresponde ao momento exterior, consistindo na concretização da interpretação em que o letramento literário se diferencia da leitura literária. Nesse momento, através de uma roda de conversa, solicita-se o compartilhamento da interpretação interior, ou seja, a leitura das questões respondidas na aula anterior. Assim que cada aluno ler suas respostas, tem-se o compartilhamento de suas interpretações, além do estímulo para discuti-las entre si.

A terceira aula busca promover um momento lúdico através de um outro gênero, o cinematográfico. Primeiro mostra-se o curta-metragem *O Ex-mágico*, com roteiro e direção de Olímpio Costa e Mauricio Nunes; esse vídeo pode ser visualizado pelo link <[https://drive.google.com/file/d/11oJik9ckgwd9yny\\_0w0giVYtXLfpopnS/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/11oJik9ckgwd9yny_0w0giVYtXLfpopnS/view?usp=sharing)>. Logo em seguida, exibe-se o média-metragem *O Ex-mágico da Taberna Minhota*, com roteiro e direção de Rafael Conde, tendo acesso disponível pelo link <<https://drive.google.com/file/d/1T88HhkQSRVDJ5oORiiP8nU-sz57XeJdY/view?usp=sharing>>.

Após a exibição do curta-metragem e do média-metragem, realiza-se uma roda de conversa com os seguintes questionamentos orais: qual a maior diferença entre esses dois

vídeos? Qual o vídeo que mais ajudou vocês a compreenderem melhor o conto? Os dois vídeos seguem a mesma ordem de acontecimentos das ações do conto? No vídeo 1, qual a cena que mais se parece com o que está escrito no conto? E, no vídeo 2, qual a cena que mais se parece com o que está escrito no conto? O vídeo 2 se inicia um pouco diferente, quem notou e pode dizer qual é essa diferença?

A aula seguinte é o momento do registro, isto é, a externalização da leitura. Portanto, requisita-se que os alunos escrevam um conto que apresente elementos ficcionais, sobrenaturais, com suspense e irrealidade. Para auxiliar os alunos nessa tarefa de produção literária, mostra-se, através de um slide, o passo a passo para se escrever um conto.

A última aula é a exposição dos contos elaborados, forma-se um círculo de leitura entre os alunos para cada um ler seu conto. A cada leitura, deve ser discutido com a turma o que acharam do texto do colega, do que gostaram mais, quais os pontos mais relevantes, tudo isso de acordo com o enredo criado por cada um.

#### **4.2 Execução da sequência básica – relato das atividades**

Neste subcapítulo são descritos e analisados os dados coletados da experiência no decurso da aplicação da sequência básica (SB). As oito aulas foram realizadas no Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), localizado na cidade de Itabaiana, Estado de Sergipe, durante o mês de abril de 2022, especificamente nos dias 11, 12, 18, 19, 25 e 26 desse mesmo mês, na turma do 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio. A turma era composta por 20 alunos, com faixa etária entre 16 e 17 anos, e suas identidades são preservadas nesta monografia, sendo reconhecidos apenas por letras do alfabeto.

O CEMB foi selecionado para a aplicação da SB através do requisito de ser um colégio cadastrado na Universidade Federal de Sergipe para realização de estágios supervisionados. O primeiro contato entre a pesquisadora desta monografia e um professor do CEMB já havia ocorrido através do Estágio Supervisionado II. A partir disso, a pesquisadora informou ao Professor L. (assim nomeado nesta pesquisa) sobre o interesse em aplicar uma sequência básica em uma das turmas dele do Ensino Médio; logo o Professor L. aceitou disponibilizar a turma do 3º Ano D<sub>2</sub> para a execução, que foi realizada pela própria pesquisadora.

**Figura 01:** Imagens do Colégio Estadual Murilo Braga



Fonte: Acervo da autora (2022).

#### 4.2.1 *Motivação*

No primeiro dia de aula, a pesquisadora foi apresentada à turma pelo Professor L. como uma estagiária que estaria a ministrar as aulas por algumas semanas às segundas-feiras em uma hora-aula e às terças-feiras em duas horas-aulas.

Seguidamente, iniciou-se a aula da etapa de motivação. Quando questionados sobre terem lido algum texto de terror, todos negaram qualquer envolvimento com esse gênero literário, exceto o aluno A, que respondeu mais especificamente: “eu não gosto de ler nada, pior texto de terror”. Diante disso, a pesquisadora resolveu perguntar se algum deles gostava de ler qualquer tipo de texto, e todos balançaram a cabeça negativamente, exceto a aluna B: “eu gosto de ler alguns de aventura, mas de terror não”.

Em seguida, perguntou-se à turma se alguém já tinha assistido a filmes de terror, e a maioria respondeu “não”, mas o aluno C acrescentou: “não, eu tenho medo, não gosto”, e o aluno D disse: “eu já assisti vários, gosto daquele Sexta-feira 13 com o personagem Jason que usa uma máscara e corta as pessoas”.

Diante da resposta do aluno D, o aluno E falou: “eu lembro de uma lenda urbana, era assim, uma menina roubou uma flor de um túmulo de um cemitério e recebia ligações ameaçadoras querendo que ela voltasse lá devolver a flor”. Na terceira pergunta, para contarem alguma história assustadora de que já tinham ouvido falar, nenhum aluno se manifestou.

Desse modo, pode-se analisar que a turma é interativa, mas a maioria não gosta de ler, pois, quando perguntado sobre terem lido algum texto de terror, apenas um aluno informou ter

o hábito, mesmo sendo outro tipo de gênero diferente do trabalhado na SB, mas todos os outros alegaram não ler nenhum tipo de texto.

A respeito da fala do aluno E, a pesquisadora buscou instigá-lo a contar mais sobre a lenda citada, mas ele informou lembrar somente o já dito; então a pesquisadora explicou à turma que essa lenda se parecia com um texto literário escrito pelo escritor Carlos Drummond de Andrade, chamado “Flor, Telefone, Moça”, e provavelmente o outro autor inspirou-se na lenda para escrever seu texto. O aluno E informou: “só vi passando na TV mesmo, nem sabia que tinha um texto”, e todos os outros alunos disseram nunca o ter lido.

Ao falar-se em leitura textual, praticamente todos os alunos responderam não gostar, porém, no momento em que foram questionados sobre assistir a filmes, demonstraram interesse e conhecimento. Nitidamente, a maioria desses alunos não tem o hábito de ler, mas sim de assistir à TV, provavelmente pela falta de incentivo à leitura. Diante dessa observação realizada na turma, é possível associar à análise de Cosson (2006) ao afirmar que o ensino de literatura nas escolas está enfrentando momentos difíceis referentes à leitura e à interpretação textual.

Continuando na aula de motivação, realizaram a dinâmica *Contação de histórias*. De início, os alunos formaram quatro grupos compostos por quatro pessoas, pois nessa primeira aula encontravam-se apenas 16 alunos. Os cartões foram sorteados entre os grupos, um para cada, com os elementos para estimular a criatividade. Após o sorteio, a pesquisadora solicitou que os grupos criassem uma história na qual estivessem presentes o personagem, o espaço, o objeto, o sentimento e a ação do cartão sorteado, mas não era necessário exclusividade.

**Figura 02:** Grupos criando suas histórias



Fonte: Acervo da autora (2022).

Depois de alguns minutos, a turma iniciou a apresentação. Um aluno de cada grupo contou à turma inteira a história construída. Todos ouviram atentamente os colegas, de modo lúdico se divertiram e aproveitaram o momento.

### **Quadro 01:** Histórias criadas pelos alunos

#### *Grupo 1: Uma Noite na Floresta*

Em uma noite sombria uma menina chamada Beatriz recebe uma ligação da sua prima Juliana, dizendo que a avó delas estava muito doente e precisava que Beatriz fosse até a casa da avó, ainda naquela noite, para juntas leva-la ao hospital. Beatriz com medo de sair à noite, pois a casa da avó era muito longe, resolve pegar um atalho que Juliana havia lhe dito.

O atalho era dentro de uma floresta, enquanto ela andava pisando nas folhas caídas das árvores, ouvia barulhos assustadores e acabou tendo muito medo, mesmo assim continuou a andar. Logo, deparou-se com um cemitério dentro dessa floresta, então pensou em ir por um outro caminho, mas percebeu que só havia caminho se passasse por dentro do cemitério.

Enquanto Beatriz andava pelo cemitério deparou-se com um jardim, animou-se ao ver um vaso de flores e pensou em levá-lo para sua avó. Sendo assim ela continuou a caminhar segurando o vaso nas mãos até que, de repente, encontrou com uma pessoa sentada em um dos túmulos, mas quando ela olhou atentamente observou não ser uma pessoa comum, mas sim um vampiro, então Beatriz correu desesperadamente sem saber para onde ir, acabou quebrando o vaso, mas pelo menos o vampiro não a seguiu. Depois de acalmar-se ela consegue sair da floresta e chegar à casa da avó. Quando se encontrou com Juliana e com a avó já era dia. Juntas levaram a avó no médico, e estava tudo bem com a saúde dela.

Beatriz nunca contou sobre aquela noite a ninguém, mas pensava ter aprendido a lição de jamais pegar atalhos, mais valia ser um caminho longe e tranquilo do que um perto e perigoso.

#### *Grupo 2: O Dragão Invejoso*

Havia um dragão que reinava no céu e um dia decidiu que queria escrever toda sua história de vida, mas no reino dos dragões não existia nenhum objeto para a realização de seu desejo.

Um certo dia, o dragão voou para a terra com o objetivo de procurar uma caneta para que pudesse escrever. Quando se deparou com um humano estudando, pediu uma

caneta, mas o garoto negou. Mesmo assim o dragão insistiu, propondo pagar pelo objeto com seu tesouro que estava no céu, mas o rapaz continuou a negar.

O dragão sem entender o porquê de o garoto não querer receber um tesouro, afastou-se e começou a observar o garoto de longe, ao ver toda a dedicação daquele humano ao estudar, o dragão fica repleto de inveja, e incendiou toda a terra por não poder ter aquilo que os humanos tinham, a oportunidade estudar.

#### Grupo 3: *O Sótão*

Uma mulher havia se mudado recentemente para uma nova casa. Logo na sua primeira noite, começou a ouvir alguns barulhos estranhos como se fossem de uma máquina. Pensou ser na casa vizinha, mas cada vez o barulho se tornava mais próximo. Então ela imaginou que vinha do sótão da sua casa. Quando ela abriu a porta e começou a descer as escadas, o barulho tornava-se mais alto. A mulher começou a gritar desesperadamente quando viu uma máquina engolindo algumas mulheres na sua própria casa.

Ela saiu correndo do sótão e ligou para a polícia, quando os policiais examinaram a cena do crime, descobriram que a casa era de um assassino muito procurado na cidade, um homem muito cruel que matava mulheres nessa casa.

#### Grupo 4: *As Aventuras da Formiguinha*

Em uma manhã de segunda-feira, a formiguinha Suzana resolveu se aventurar entrando na mochila de Gustavo, dono da casa em que ela habitava.

Gustavo foi à escola sem notar que Suzana estava em sua mochila. Depois de um tempo, a formiguinha conseguiu sair da mochila para passear e encontrou uma barata chamada Rose. Ela começa a contar a Suzana os perigosos que ocorriam na escola, pois os estudantes sempre que a vê faz de tudo para pisar nela.

Suzana ficou com medo e decidiu voltar para mochila de Gustavo, só que ele a colocou nas costas, e isso tornou-se seu maior obstáculo.

No entanto, a formiguinha teve a estratégia de subir pelo casaco de Gustavo até chegar à mochila, só que o garoto estava resfriado e começou a tossir, então Suzana escorregou e caiu no chão.

A lagartixa Erica que estava passando naquele momento percebeu o desespero de Suzana e se dispôs a ajudá-la. Erica sugere que a formiguinha suba em suas costas para levá-la até a mochila. Suzana agradece muito a ajuda da lagartixa e promete a si mesma que jamais sairá novamente do conforto da sua casa.

Diante das apresentações das histórias, é possível notar que todos os grupos conseguiram envolver os elementos presentes nos cartões e foram além deles, usufruindo da imaginação e da criatividade. Criaram histórias fictícias com características do gênero fantástico, mesmo sem o conhecerem.

Após as apresentações, a pesquisadora perguntou o que havia em comum entre as histórias dos grupos. O Aluno B respondeu “a ficção”, e o aluno C disse: “todos têm personagem”. Em seguida, foi perguntado à turma se alguém sabia qual gênero textual eles tinham escrito, e o aluno F disse “um conto”. A pesquisadora buscou instigá-los com mais uma pergunta, se algum deles sabia quais eram as características de um conto, e apenas o aluno D respondeu: “um texto curto e com poucos personagens”. Perante a conversação, a pesquisadora buscou informar que os contos fictícios trabalham com elementos sobrenaturais, com a irrealdade, ou seja, com acontecimentos que não existem na vida real.

#### 4.2.2 Introdução

Para encetar a aula de introdução, a pesquisadora levou os estudantes à sala de multimídia do CEMB, local acessível para assistir ao vídeo *Contos Fantásticos*, que identifica as características das narrativas fantásticas.

Em resumo, o vídeo explica o conto fantástico como uma narrativa cheia de emoções e imaginações. Suas especificidades significativas são poucos personagens em histórias breves e irreais. Geralmente os personagens são fantasmas, monstros, mágicos, seres invisíveis, mitológicos e até mesmo humanos com poderes sobrenaturais.

O vídeo exemplifica esse gênero com os livros da saga *Harry Potter*, o primeiro lançado em 1998 e o último em 2007, de autoria de J. K. Rowling, uma série de sete livros do gênero fantástico que narram a história do jovem Harry, um bruxo estudante em uma escola para mágicos. O segundo exemplo é o filme *O Labirinto de Fauno* (2006), de Guillermo del Toro, que retrata a história da personagem Ofélia, que encontra um labirinto mágico e descobre ser uma princesa com a possibilidade de tornar-se imortal. Por último, o filme *Avatar* (2009), de James Cameron, obra cinematográfica constituída de seres evoluídos e transformados em avatares por habitarem um ambiente tóxico.

Ao encerrar o vídeo, os alunos mostraram-se entusiasmados, e a pesquisadora perguntou quem conhecia algum dos exemplos citados no vídeo. A maioria dos alunos levantou as mãos e disse ter assistido aos filmes de Harry Potter, outros também conheciam o filme *Avatar*.

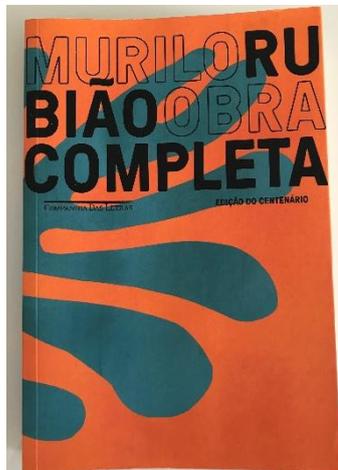
No segundo momento dessa mesma aula de introdução, foi exibido um slide para enfatizar as características da narrativa fantástica; explicou-se, relevantemente, que no conto fantástico predomina a hesitação (desconfiança) entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos. Essa desconfiança é, obrigatoriamente, do personagem da história junto com o leitor.

Em seguida, foram explicados os elementos da narrativa: tema, assunto, enredo, tempo (cronológico, psicológico e histórico), espaço e foco narrativo (narrador personagem, narrador observador e narrador onisciente). Todos foram apresentados e conceituados com seus atributos.

Consecutivamente, foi exibido o segundo vídeo, *Centenário Murilo Rubião*, que é uma entrevista realizada com o crítico literário Antonio Candido. Ele denomina Rubião como um escritor impressionante, pois conseguiu produzir um tom de normalidade, em suas narrativas, com o objetivo de mostrar a anormalidade. Segundo Candido, Rubião costuma fazer o leitor se sentir dentro do insólito.

Posteriormente, foi perguntado à turma se já tinham ouvido falar de Murilo Rubião, e todos negaram. No momento de mostrar fisicamente o livro, os alunos, um por vez, abriram a capa, alguns leram a sinopse na contracapa e observaram as orelhas. Posteriormente à observação, foi dito à turma que o livro de Murilo Rubião é uma obra publicada em 2016 para celebrar o centenário do nascimento do autor, composta por todos os seus 33 contos fantásticos criados no decorrer da sua vida.

**Figura 03:** Capa do livro *Murilo Rubião: obra completa*



Fonte: Acervo da autora (2022).

Para finalizar a aula, a pesquisadora mostrou no slide o título do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” e perguntou qual o significado do termo “ex-mágico”. O aluno E

respondeu: “homem que trabalhava fazendo mágica”. Em relação ao questionamento se alguém da turma sabia o que é uma taberna, apenas o aluno H respondeu “bar”. O significado da palavra minhota a turma não conhecia, então foi explicado que se trata de um pedaço específico de madeira e foram mostradas imagens de uma taberna. Quando perguntados sobre imaginarem, através do título, do que se tratava a história, o aluno A disse: “alguma coisa de magia”; o aluno G: “alguma coisa do passado”, e o aluno E: “o local que o homem fazia mágicas era na taberna feita de pau”.

Pode-se concluir que esta aula da etapa de introdução, de modo explicativo sobre as características do conto fantástico, promoveu, por meio de recursos audiovisuais, exemplos de histórias fantásticas conhecidas, como filmes populares entre os jovens. Buscou-se instigar a curiosidade da turma sobre o conto a ser lido na próxima aula, pois, quando apresentado o título do texto, os alunos mostraram-se curiosos para descobrir a história do ex-mágico.

#### 4.2.3 Leitura

Nesta aula foi entregue aos alunos o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota” impresso composto em quatro páginas. Primeiramente, solicitou-se que fizessem a leitura individualmente. Depois que todos leram, iniciou-se o acompanhamento de leitura, então a pesquisadora o leu para a turma.

**Figura 04:** Alunos lendo “O Ex-mágico da Taberna Minhota”



Fonte: Acervo da autora (2022).

Ao final da leitura, a pesquisadora fez, oralmente, algumas perguntas sobre o conto; alguns alunos acharam uma história mentirosa e até mesmo engraçada, afirmaram nunca terem lido antes. Mostraram não acreditar em mágicas e nem na possibilidade de existir o sobrenatural na vida real. O aluno C afirmou: “claro que não existe, só faz parte do mundo ficcional”. Declararam não detectar nenhuma comparação entre um mágico da vida real com o personagem do conto, pois “nunca vi um mágico fazer mágica tão grande como retirar um homem do bolso”, comentou o aluno C.

A turma ficou bastante eufórica no momento de discutir sobre as mágicas feitas pelo personagem da história, as mais comentadas foram o jacaré que apareceu entre os dedos do mágico, as cobras escorrendo pelas calças dele, o paraquedas ter surgido inesperadamente para salvá-lo, as mãos cortadas regenerando-se e a arma ter se transformado em lápis. O aluno G alegou não acreditar que alguém, na vida real, possa criar mágicas sem querer, mas em histórias tudo é possível. Toda a turma declarou não desejar fazer mágicas igual ao personagem, e um aluno acrescentou não achar algo bom, uma vez que tornaria a vida difícil e complicada, assim como a vida do personagem do conto.

Diante da roda de conversa com os alunos, ficou evidente que gostaram do conto, acharam interessante e, no momento em que estavam lendo, mostraram-se bastante focados na leitura, demonstrando curiosidade para concluir toda a narrativa. Muitos perguntaram se a história realmente tinha se encerrado nas folhas que lhes foram entregues, pois achavam que deveria existir um final esclarecedor sobre a vida do personagem; além do mais, houve questionamentos sobre as mágicas serem verdadeiras, se o personagem realizou todas elas, ou seja, os alunos queriam justificativas sobre elas.

Nesse contexto, a pesquisadora procurou explicar que toda a história se conclui nas páginas entregues e que todos os acontecimentos realizados no texto eram características do gênero estudado na aula passada, o fantástico. Esse gênero tem como característica a hesitação, ou seja, a indecisão em acreditar nas ações insólitas do conto porque são acontecimentos fora da normalidade da vida real. Depois de se enfatizar sobre as especificidades da narrativa fantástica, os alunos compreenderam que a dúvida sempre permanece quando se lê um conto fantástico.

#### 4.2.4 Interpretação

A primeira aula interpretativa é denominada por Cosson (2006) momento interior, pois o considera como o encontro verdadeiro do leitor com a obra, sendo uma interpretação íntima, pessoal e totalmente de caráter individual.

Na primeira aula, foi entregue o questionário escrito para os alunos, então a duração dela foi destinada somente para eles responderem individualmente às questões. Por se tratar de dez questões totalmente interpretativas sobre o texto, nem todos conseguiram concluir suas respostas, por isso a atividade foi levada para ser concluída em casa e foi solicitado que todos a trouxessem na próxima aula.

Na aula seguinte, interpretação exterior, foi a ocasião de a turma ler suas respostas para os colegas, instigados pela pesquisadora a compartilharem suas interpretações acerca do conto estudado. Desse modo, são apresentados nas figuras a seguir alguns questionários melhor interpretados.

**Figura 05:** Questionário do aluno B

The image shows two pages of a handwritten questionnaire. The text is written in cursive and answers various questions about a fantastical story.

**Page 1 (Left):**

- Quais as características do gênero fantástico estão presentes nesse conto? Retire trechos e justifique sua resposta.  
Acontecimentos mágicos, que amarras soltas, e a histriãoção por não da pra saber se é real, visto que ele é o chamado personagem.
- O que você compreendeu ao ler esse trecho: "Fui atraído à vida sem pais, infância ou juventude. Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos [...]".  
Ele estava nas velhas da sua existência até se atirar ao espelho.
- Qual a situação inusitada que mais chamou sua atenção na história? Por quê?  
Quando os dois falam com ele porque nenhum animal fala.
- Quais os motivos que levaram o mágico a tentar o suicídio? Justifique sua resposta.  
Estava irritado e desesperado.
- O objetivo do mágico ao entrar na profissão de funcionário público era para "surtar-se aos poucos". Na sua opinião, ele conseguiu o que queria? Justifique sua resposta.  
Não, porque só lhe trouxe mais sofrimento, já que ele se apaixonou pela colega de trabalho e a irritou.
- Concorda que o personagem aceitou sua própria existência ou ele ainda continuou desconsolado? Por quê?  
Continua desconsolado, porque no final da história ele afirma "seria somente para aumentar meu arrependimento de não ter curado todo um mundo mágico".

**Page 2 (Right):**

- O personagem afirma que nunca teve "uma experiência sentimental" antes, e aí se apaixonou pela sua colega de trabalho. Comente sobre.  
Ele não sabia o que sentia de verdade por ela, já que nunca sentiu algo assim antes.
- Qual sua opinião sobre a mágica do personagem ter sido "amaldiçoado pela burocracia"?  
A burocracia só aumentou sua irritação, ele se via obrigado a ter contato constante com seus semelhantes, só lhe trouxe mais frustração.
- Qual a relação da epígrafe (frase abaixo do título) com história do conto?  
Ele tenta pedir ajuda divina para resolver seus problemas.
- Esse conto pode nos levar à reflexão de que, na maioria das vezes, as pessoas não são satisfeitas com a própria vida? Por quê?  
Sim, porque mostra que as vezes as condições de vida que são impostas às pessoas, muitas vezes não agradam a elas, e muitas vezes sem iniciativa de outros ou sem condições para sair daquela situação, acaba levando a vida daquela forma.

Fonte: Acervo da autora (2022).



Desse modo, através das figuras 04, 05 e 06, pode-se observar que os alunos conseguiram responder às questões de forma coerente e compreensiva sobre o conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”. A primeira questão tratava de explicar quais características do gênero fantástico estão presentes no texto lido e retirar trechos para exemplificar essas especificidades. Como pode ser observado, os alunos B, F e I conseguiram explicar a hesitação e a anormalidade presentes na narrativa lida.

Demonstraram entendimento a respeito de o personagem ter sido um homem que não sabia da sua existência até se ver no espelho da taberna minhota. Ainda interpretaram o ex-mágico como um homem órfão, com uma vida cansativa. Os motivos que levaram o personagem a tentar o suicídio estão explícitos no texto, foi por estar cansado de fazer mágicas em momentos inesperados e sempre incomodar as pessoas por onde andava. Por ser mal compreendido e julgado, como afirma o aluno I, além do desespero e da irritação, como escreve o aluno B.

O ex-mágico tornou-se funcionário público com o objetivo de suicidar-se aos poucos, pois todas as suas tentativas de morte deram errado, e ele não conseguiu literalmente a morte desejada. Mas, como observou o aluno I, o personagem continuou com aflições durante o emprego e se arrependeu de ter deixado para trás as suas mágicas, como respondeu o aluno F.

Todos conseguiram compreender que o mágico não se contentou com a própria existência e ainda continuava desconsolado. Seu sofrimento tornou-se maior pelo fato de não ser correspondido no amor pela colega de trabalho e arrependido por não ter criado um mundo mágico quando ainda podia realizar mágicas.

Como o personagem não sabia da sua própria existência, ele não tinha experiência com nenhum tipo de relação sentimental e emocional, mas afirmou se apaixonar pela colega de trabalho, e as aflições dele pioraram. Não sabia como agir porque nunca tinha sentido nada parecido. E o objetivo inicial de tornar-se funcionário não era sentir afeto por uma mulher, como os alunos F e I afirmaram.

Em relação ao fato de a mágica ter sido anulada pela burocracia, é provável que o autor Murilo Rubião tenha elaborado uma crítica ao sistema do serviço público, no qual as pessoas focam em resolver as burocracias durante toda a semana, anulando sua vida particular e social, e, quando se dão conta, já não têm vida além do trabalho. O aluno I observou que a impossibilidade de o personagem fazer mágica intencionalmente pode se relacionar também a não valorização do seu dom quando ainda o tinha, mesmo que não pudesse controlá-lo, e, quando achou ter autocontrole sobre seus poderes, não conseguiu utilizá-los.

A epígrafe do conto é um versículo bíblico do livro de Salmos que tem relação com o texto justamente pela explicação do aluno F, no sentido de uma súplica do ex-mágico a Deus para que Ele o ajudasse. Os alunos demonstraram compreender essa relação entre o versículo bíblico e o texto, visto que o termo desvalido está relacionado ao mágico como um ser desprotegido e desamparado pela proteção divina.

Durante a roda de conversa sobre as interpretações da turma relacionadas ao questionário, os alunos mostraram reflexões sobre um tipo de conclusão para o conto lido, o associando à vida real. Explicaram que, na maioria das vezes, as pessoas, assim como o ex-mágico, não estão satisfeitas com a vida que levam e não a valorizam. O aluno I disse que poucas pessoas agradecem pela vida de cada dia. A maioria das pessoas, quando consegue o que deseja, se arrepende e quer voltar à vida antiga, assim informou o aluno F.

Na terceira aula interpretativa, a pesquisadora apresentou à turma o curta-metragem *O Ex-mágico* (2016), com roteiro de Olímpio Costa, baseado no conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”. A obra cinematográfica de animação em preto e branco tem duração de 10 minutos e 41 segundos, apresenta elementos lúdicos, e os truques mágicos acontecem o tempo inteiro, fieis às ações do conto.

**Figura 08:** Alunos assistindo ao curta-metragem *O Ex-mágico*



Fonte: Acervo da autora (2022).

Após a mostra do curta-metragem, os alunos assistiram ao média-metragem de 34 minutos, *O Ex-mágico da Taberna Minhota* (1996), escrito e dirigido por Rafael Conde. Esse filme também retrata toda a história do conto de Murilo Rubião, com encenações das mágicas e com efeitos especiais. O cineasta demorou dez anos para construir esse média-metragem e informa que conseguiu a autorização para adaptação cinematográfica diretamente com Rubião

e o convidou para participar de algumas cenas, mas o autor faleceu coincidentemente com o início das gravações do filme.

**Figura 09:** Alunos assistindo ao média-metragem *O Ex-mágico da taberna Minhota*



Fonte: Acervo da autora (2022).

Logo após as exibições cinematográficas, a pesquisadora buscou instigar as discussões sobre as observações dos alunos a respeito dos dois vídeos. Quando perguntados sobre a maior diferença entre eles, o aluno J respondeu: “o primeiro é reproduzido em forma de desenho, enquanto o segundo é na vida real”, e o aluno F disse: “a forma como são reproduzidos, um traz um desenho e o outro mostra personagens reais, agregando e representando o conto”.

No segundo questionamento oral sobre qual película ajudou na compreensão do conto, a maior parte da turma optou pelo média-metragem. Alguns justificaram suas respostas. O aluno A disse: “o média-metragem me ajudou mais porque contém cenas mais parecidas com o texto”; o aluno F: “o média-metragem me fez compreender mais o texto porque as cenas são mais fiéis às do texto”, e o aluno H: “compreendi melhor o média-metragem, pois as cenas dele me lembravam a todo momento o texto”.

Referente às cenas audiovisuais mais semelhantes ao texto, a turma manifestou diversas opiniões. Uns alunos afirmaram que o curta-metragem representou melhor a cena em que o ex-mágico pulou do precipício e foi salvo por um paraquedas. Outros alunos declararam que a cena do média-metragem quando o ex-mágico mutilou as mãos demonstrou mais semelhança com o texto, além de ser uma cena assustadora.

A turma conseguiu compreender que o média-metragem, além de ser produzido com recursos da realidade, se inicia com uma breve história sobre a vida do autor Murilo Rubião. Outra característica importante observada pela turma foi que em ambos os vídeos há a presença de um narrador personagem contando sua história, ou seja, o ex-mágico.

No momento da exibição dos vídeos, a turma concentrou-se bastante, foi uma aprendizagem de forma lúdica em que puderam observar visualmente tudo o que imaginaram

mentalmente durante a leitura do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”. Durante a roda de conversa sobre as obras cinematográficas assistidas, foi possível analisar que auxiliaram os alunos na compreensão e na interpretação do conto. Diante disso, o aluno H informou que o média-metragem representou mais profundamente o final da história, demonstrando todo o desconsolo e arrependimento do personagem. Segundo a turma, os acontecimentos sobrenaturais ficaram mais evidentes quando visualizados através dos vídeos.

Segundo Cosson (2006), as atividades interpretativas devem ter como princípio a externalização da leitura, ou seja, o registro. Na sua realização, é importante que os alunos tenham a oportunidade de refletir explicitamente e que sejam permitidos diálogos entre os leitores e a comunidade escolar.

Destarte, o registro dessa sequência básica é a criação de um conto da autoria de cada aluno da turma. A história deve conter elementos ficcionais, sobrenaturais, com suspense e irrealidade. Assim que a pesquisadora solicitou a criação, apresentou à turma, através de um slide, o passo a passo para escrever um conto. O primeiro passo é decidir o tema e o assunto da história, o que vai acontecer e qual o tipo de narrador. Depois deve ser criado um personagem principal, consecutivamente decidir o espaço e o tempo do conto, por fim desenvolver toda a trama construída em início, meio e fim.

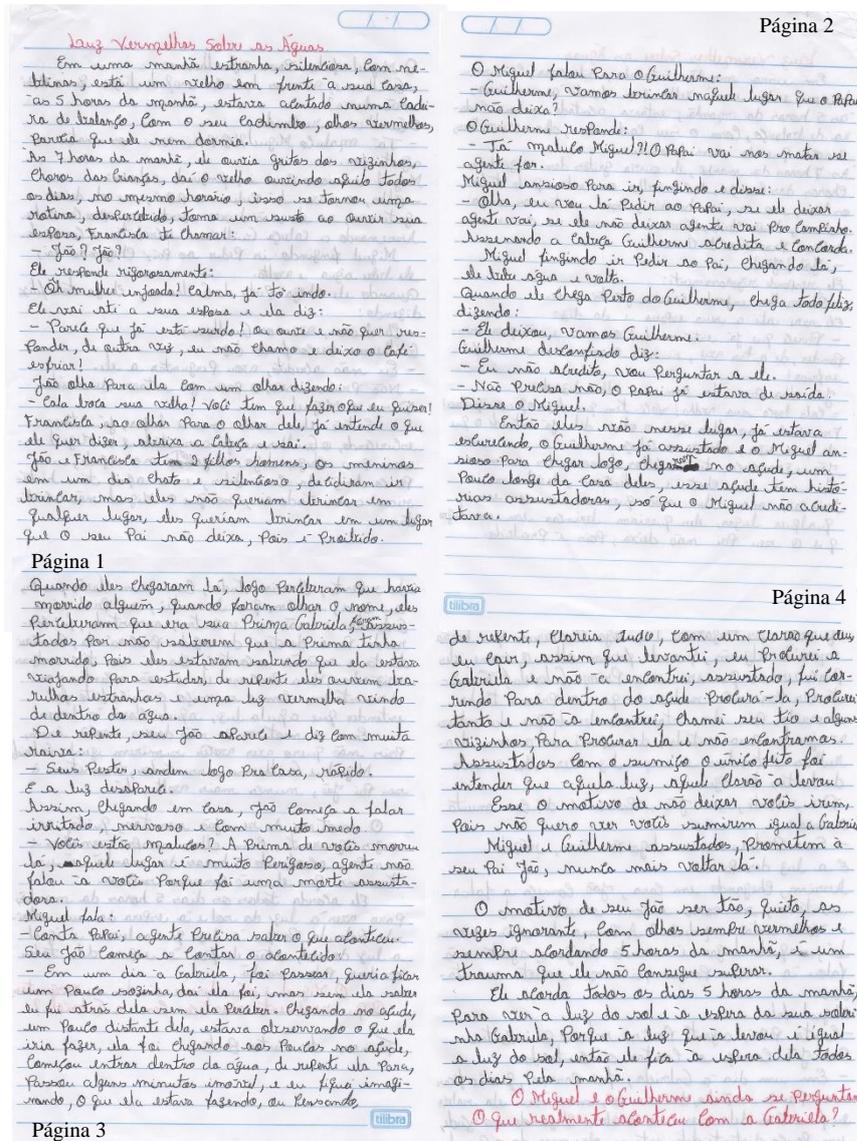
**Figura 10:** Alunos criando contos



Fonte: Acervo da autora (2022).



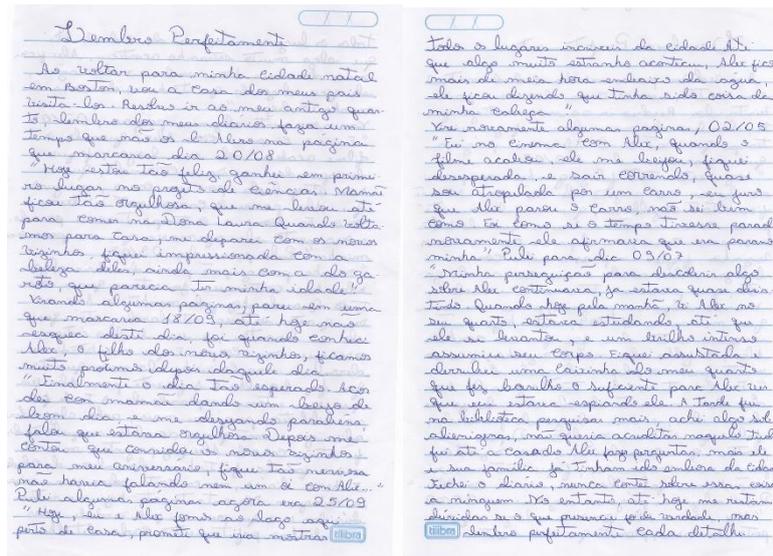
Figura 12: Conto “Luz Vermelha Sobre as Águas”, do aluno I



Fonte: Acervo da autora (2022).

O aluno I utilizou corretamente os elementos da narrativa, escolheu o tempo cronológico, o espaço é a casa de João e Francisca e o açude que seus filhos, Miguel e Guilherme, visitaram. O narrador é onisciente, pois narra em 3ª pessoa e tem acesso aos pensamentos dos personagens. Além disso, o aluno I conseguiu criar uma história de suspense com acontecimento sobrenatural, a luz vermelha, deixando subentendido que ela matou a prima Gabriela.

**Figura 13:** Conto “Lembro Perfeitamente”, do aluno J



Fonte: Acervo da autora (2022).

Assim como os outros alunos, o aluno J mostrou conhecimento ao escrever o conto. Apresentou corretamente os elementos da narrativa, utilizou o narrador personagem e o tempo psicológico. Essa história foi a mais interessante, pois o aluno conseguiu utilizar o sobrenatural dentro de um romance e, acima de tudo, apresentou a maior característica do gênero fantástico, a hesitação. Pode-se notar essa característica quando a personagem fica assustada ao ver o corpo brilhando do personagem Alex, logo permanece na dúvida se acredita ou não no que presenciou.

Durante esta aula, os alunos leram suas histórias para os colegas. Através do compartilhamento, promoveram discussões a respeito dos assuntos dos enredos. Houve construções de conhecimentos e de experiências, e ocorreu interação entre a turma com risadas, suspenses e medos. Além disso, mostraram entendimento sobre o gênero conto e as características da narrativa fantástica.

A sequência básica finaliza na última aula da etapa de interpretação, segundo Cosson (2006, p. 69): “Ao seguir as etapas, o professor sistematiza seu trabalho e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário.” Durante as aulas vivenciadas, foi possível analisar que os alunos conseguiram interpretar o texto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, entenderam que retrata a vida de um homem solitário, desconsolado, arrependido, depressivo e suicida; além disso, compreenderam que as mágicas realizadas pelo personagem são características do gênero fantástico.

De modo geral, é possível analisar que, para aplicar uma sequência básica em sala de aula, é necessária preparação estudiosa sobre o assunto. Além do mais, a SB requer recursos

tecnológicos para se realizar aulas diferentes do cotidiano escolar, de maneira lúdica com materiais audiovisuais, para assim promover uma leitura literária, que, na maioria das vezes, as escolas não desenvolvem. Ao longo da execução das aulas, examina-se que a maioria dos alunos colaborou com esta pesquisa, sendo receptivos e interativos, porém alguns não tiveram interesse em participar efetivamente das atividades propostas.

Com a elaboração e a execução desta proposta de sequência básica, percebe-se que não é fácil como docente elaborar e planejar aulas fora do cotidiano escolar de modo que se desprenda do livro didático e passe a utilizar essa outra didática para as aulas de Literatura. No entanto, são notáveis os bons resultados interpretativos, criativos, construtivos e participativos durante a execução da SB desenvolvida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este Trabalho de Conclusão de Curso, voltado para a leitura literária na escola, foi elaborada uma sequência básica de letramento literário baseada na proposta de Cosson (2006), com a leitura do conto “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, de Murilo Rubião. A pesquisa realizada buscou considerar a experiência em sala de aula, compreender como é, de fato, a execução de uma SB sobre leitura literária e como ela ajuda os alunos na interpretação do conto estudado.

É relevante mencionar que esta pesquisa, além de contribuir na formação acadêmica e profissional, alcançou outras possibilidades. Os alunos participantes do 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio do Colégio Estadual Murilo Braga foram beneficiados com a sequência básica, pois possivelmente podem ter um novo olhar e uma outra perspectiva a respeito de textos literários. Desse modo, acredita-se que a SB pode ter fortalecido, reformado e ampliado a formação dos alunos do 3ª Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio como leitores literários, colocando-os como sujeitos principais no processo de leitura e interpretação.

Os objetivos do trabalho foram compreender os aspectos teóricos do gênero conto e analisar a narrativa fantástica “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, apresentar a proposta de letramento literário do autor Rildo Cosson (2006), desenvolver e executar uma sequência básica (SB) constituída pelas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, elaborada em um total de oito aulas.

Para o desenvolvimento, primeiramente, foi necessário compreender o conto. Ele surgiu no ato de contar histórias enquanto as pessoas se reuniam para conversar nas sociedades primitivas, durante as refeições ou numa troca de ideias. Somente no século XIV torna-se um gênero narrativo literário com características misteriosas e difíceis de serem definidas. Os elementos narrativos são personagens, narrador, tempo, espaço, além do conflito e da unidade de ação, tudo isso em uma narrativa curta e condensada.

O conto escolhido, “O Ex-mágico da Taberna Minhota”, é uma história em que o narrador personagem, o ex-mágico, faz confissões sobre a amargura e a solidão da sua própria existência. Trata-se de um homem triste que se depara com situações insólitas marcadas pelo mundo fantástico, que a todo momento é oposto à realidade. A narrativa fantástica trabalha o irreal, a ficção e o sobrenatural. A maior característica desse gênero é a vacilação comum entre o leitor e a personagem da história para decidirem se o que foi lido/vivenciado no texto faz parte ou não da realidade.

A execução da SB no Colégio Estadual Murilo Braga, na turma do 3º Ano D<sub>2</sub> do Ensino Médio, pode ter feito do ensino literário uma prática significativa para esses alunos, ajudando-os a aprimorar suas competências críticas e interpretativas como leitores literários. Diante das aulas nas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação relatadas, é possível constatar que auxiliaram os alunos a interpretar a história de vida do ex-mágico e os aspectos insólitos do fantástico, além de compreenderem e produzirem um texto literário no gênero conto.

O processo de letramento nas escolas é importante para os alunos compreenderem, por meio de textos, o diverso uso da escrita e como certificar seu domínio dentro da sociedade, além de fornecer aos alunos um modo próprio de ver e viver o mundo. Tanto o desenvolvimento quanto a execução da SB desta pesquisa não têm como pretensão revolucionar ou inovar a metodologia de ensino de literatura nas escolas, mas sim oferecer uma nova prática para ser executada nas aulas de leitura, de modo que auxilie e complemente o ensino-aprendizagem em estudos interpretativos. Vale ressaltar que essa proposta de aulas pode ajudar os professores do Ensino Básico que se propõem a fazer do ensino de literatura uma prática relevante para si e para seus alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTENÁRIO Murilo Rubião. Produção de Rede Minas. **YouTube**, 2016. 01min e 11seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EpOMDjzripk>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CONTOS fantásticos. Produção de Patricia Nolasco. **YouTube**, 2021. 03min e 20seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8rkH7EcVYo>. Acesso em: 20 mar. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CORTÁZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. *In: \_\_\_\_\_*. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.

GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1990.

MAGRI, Ieda. Murilo Rubião: conciliação insólita de cotidiano e sobrenatural. **FronteiraZ**, São Paulo, v. 1, p. 1-10, 2009. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros\\_anteriores/n3/download/pdf/exmagico.pdf](http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/exmagico.pdf). Acesso em: 3 jan. 2022.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: prosa I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

O EX-MÁGICO. Roteiro e direção de Olimpio Costa e Mauricio Nunes. Pernambuco: Vimeo, 2016, curta-metragem (10min e 41seg). Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/11oJik9ckgwd9yny\\_0w0giVYtXLfpopnS/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/11oJik9ckgwd9yny_0w0giVYtXLfpopnS/view?usp=sharing). Acesso em: 6 jan. 2022.

O EX-MÁGICO da Taberna Minhota. Roteiro e direção de Rafael Conde. 1996, média-metragem (34min e 14seg). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1T88HhkQSRVDJ5oORiiP8nU-sz57XeJdY/view?usp=sharing>. Acesso em: 6 jan. 2022.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

REIS, Flávia. O ex-mágico. **Literartes**, São Paulo, n. 6, p. 180-187, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/125052/122619>. Acesso em: 6 jan. 2022.

ROUXEL, Annie. Práticas de Leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução: Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. **Outros Temas**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vbgD8LhYCCYxjFYf93P4Kwq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ROUXEL, Annie. Mutações Epistemológicas e o Ensino da Literatura: o advento do sujeito leitor. Tradução: Samira Murad. **Criação & Crítica**, n. 9, p. 13-24, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46858/50609>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RUBIÃO, Murilo. **Murilo Rubião**: obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Luciane Alves. A metamorfose nos contos fantásticos de Murilo Rubião. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-14, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/download/4873/2788>. Acesso em: 3 jan. 2022.

TODOROV, Tzvetan. A Narrativa Fantástica. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. *In*: \_\_\_\_\_. **As Estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 146-165.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

## ANEXO A – “O Ex-mágico da Taberna Minhota”

*Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve-me; porque eu sou desvalido e pobre.*

*(Salmos, LXXXV, 1)*

Hoje sou funcionário público e este não é o meu desconsolo maior.

Na verdade, eu não estava preparado para o sofrimento. Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores.

Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude.

Um dia dei com os meus cabelos ligeiramente grisalhos, no espelho da Taberna Minhota. A descoberta não me espantou e tampouco me surpreendi ao retirar do bolso o dono do restaurante. Ele sim, perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo.

O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado.

Sem meditar na resposta, ou fazer outras perguntas, ofereceu-me emprego e passei daquele momento em diante a divertir a freguesia da casa com os meus passes mágicos.

O homem, entretanto, não gostou da minha prática de oferecer aos espectadores almoços gratuitos, que eu extraía misteriosamente de dentro do paletó. Considerando não ser dos melhores negócios aumentar o número de fregueses sem o conseqüente acréscimo nos lucros, apresentou-me ao empresário do Circo-Parque Andaluz, que, posto a par das minhas habilidades, propôs contratar-me. Antes, porém, aconselhou-o que se prevenisse contra os meus truques, pois ninguém estranharia se me ocorresse a ideia de distribuir ingressos gratuitos para os espetáculos.

Contrariando as previsões pessimistas do primeiro patrão, o meu comportamento foi exemplar. As minhas apresentações em público não só empolgaram multidões como deram fabulosos lucros aos donos da companhia.

A plateia, em geral, me recebia com frieza, talvez por não me exibir de casaca e cartola. Mas quando, sem querer, começava a extrair do chapéu coelhos, cobras, lagartos, os assistentes vibravam. Sobretudo no último número, em que eu fazia surgir, por entre os dedos, um jacaré. Em seguida, comprimindo o animal pelas extremidades, transformava-o numa sanfona. E

encerrava o espetáculo tocando o Hino Nacional da Cochinchina. Os aplausos estrugiam de todos os lados, sob o meu olhar distante.

O gerente do circo, a me espreitar de longe, danava-se com a minha indiferença pelas palmas da assistência. Notadamente se elas partiam das criancinhas que me iam aplaudir nas matinês de domingo. Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem? Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive: um nascimento e um passado.

Com o crescimento da popularidade a minha vida tornou-se insuportável.

Às vezes, sentado em algum café, a olhar cismativamente o povo desfilando na calçada, arrancava do bolso pombos, gaivotas, maritacas. As pessoas que se encontravam nas imediações, julgando intencional o meu gesto, rompiam em estridentes gargalhadas. Eu olhava melancólico para o chão e resmungava contra o mundo e os pássaros.

Se, distraído, abria as mãos, delas escorregavam esquisitos objetos. A ponto de me surpreender, certa vez, puxando da manga da camisa uma figura, depois outra. Por fim, estava rodeado de figuras estranhas, sem saber que destino lhes dar.

Nada fazia. Olhava para os lados e implorava com os olhos por um socorro que não poderia vir de parte alguma.

Situação cruciante.

Quase sempre, ao tirar o lenço para assoar o nariz, provocava o assombro dos que estavam próximos, sacando um lençol do bolso. Se mexia na gola do paletó, logo aparecia um urubu. Em outras ocasiões, indo amarrar o cordão do sapato, das minhas calças deslizavam cobras. Mulheres e crianças gritavam. Vinham guardas, ajuntavam-se curiosos, um escândalo. Tinha de comparecer à delegacia e ouvir pacientemente da autoridade policial ser proibido soltar serpentes nas vias públicas.

Não protestava. Tímido e humilde mencionava a minha condição de mágico, reafirmando o propósito de não molestar ninguém.

Também, à noite, em meio a um sono tranquilo, costumava acordar sobressaltado: era um pássaro ruidoso que batera as asas ao sair do meu ouvido.

Numa dessas vezes, irritado, disposto a nunca mais fazer mágicas, mutilei as mãos. Não adiantou. Ao primeiro movimento que fiz, elas reapareceram novas e perfeitas nas pontas dos tocos de braço. Acontecimento de desesperar qualquer pessoa, principalmente um mágico enfasiado do ofício.

Urgia encontrar solução para o meu desespero. Pensando bem, concluí que somente a morte poria termo ao meu desconsolo.

Firme no propósito, tirei dos bolsos uma dúzia de leões e, cruzando os braços, aguardei o momento em que seria devorado por eles. Nenhum mal me fizeram. Rodearam-me, farejaram minhas roupas, olharam a paisagem, e se foram.

Na manhã seguinte regressaram e se puseram, acintosos, diante de mim.

— O que desejam, estúpidos animais?! — gritei, indignado. Sacudiram com tristeza as jubas e imploraram-me que os fizesse desaparecer:

— Este mundo é tremendamente tedioso — concluíram.

Não consegui refrear a raiva. Matei-os todos e me pus a devorá-los. Esperava morrer, vítima de fatal indigestão.

Sufrimento dos sofrimentos! Tive imensa dor de barriga e continuei a viver.

O fracasso da tentativa multiplicou minha frustração. Afastei-me da zona urbana e busquei a serra. Ao alcançar seu ponto mais alto, que dominava escuro abismo, abandonei o corpo ao espaço.

Senti apenas uma leve sensação da vizinhança da morte: logo me vi amparado por um paraquedas. Com dificuldade, machucando-me nas pedras, sujo e estropiado, consegui regressar à cidade, onde a minha primeira providência foi adquirir uma pistola.

Em casa, estendido na cama, levei a arma ao ouvido. Puxei o gatilho, à espera do estampido, a dor da bala penetrando na minha cabeça.

Não veio o disparo nem a morte: a máuser se transformara num lápis.

Uma frase que escutara por acaso, na rua, trouxe-me nova esperança de romper em definitivo com a vida. Ouvira de um homem triste que ser funcionário público era suicidar-se aos poucos.

Não me encontrava em condições de determinar qual a forma de suicídio que melhor me convinha: se lenta ou rápida. Por isso empreguei-me numa Secretaria de Estado.

Rolei até o chão, soluçando. Eu, que podia criar outros seres, não encontrava meios de libertar-me da existência.

1930, ano amargo. Foi mais longo que os posteriores à primeira manifestação que tive da minha existência, ante o espelho da Taberna Minhota.

Não morri, conforme esperava. Maiores foram as minhas aflições, maior o meu desconsolo.

Quando era mágico, pouco lidava com os homens — o palco me distanciava deles. Agora, obrigado a constante contato com meus semelhantes, necessitava compreendê-los, disfarçar a náusea que me causavam.

O pior é que, sendo diminuto meu serviço, via-me na contingência de permanecer à toa horas a fio. E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado. Por que somente eu, entre todos os que viviam sob os meus olhos, não tinha alguma coisa para recordar? Os meus dias flutuavam confusos, mesclados com pobres recordações, pequeno saldo de três anos de vida.

O amor que me veio por uma funcionária, vizinha de mesa de trabalho, distraiu-me um pouco das minhas inquietações.

Distração momentânea. Cedo retornou o desassossego, debatia-me em incertezas. Como me declarar à minha colega? Se nunca fizera uma declaração de amor e não tivera sequer uma experiência sentimental!

1931 entrou triste, com ameaças de demissões coletivas na Secretaria e a recusa da datilógrafa em me aceitar. Ante o risco de ser demitido, procurei acautelar meus interesses. (Não me importava o emprego. Somente temia ficar longe da mulher que me rejeitara, mas cuja presença me era agora indispensável.)

Fui ao chefe da seção e lhe declarei que não podia ser dispensado, pois, tendo dez anos de casa, adquirira estabilidade no cargo.

Fitou-me por algum tempo em silêncio. Depois, fechando a cara, disse que estava atônito com meu cinismo. Jamais poderia esperar de alguém, com um ano de trabalho, ter a ousadia de afirmar que tinha dez.

Para lhe provar não ser leviana a minha atitude, procurei nos bolsos os documentos que comprovavam a lisura do meu procedimento. Estupefato, deles retirei apenas um papel amarrotado — fragmento de um poema inspirado nos seios da datilógrafa.

Revolvi, ansioso, todos os bolsos e nada encontrei.

Tive que confessar minha derrota. Confiara demais na faculdade de fazer mágicas e ela fora anulada pela burocracia.

Hoje, sem os antigos e miraculosos dons de mago, não consigo abandonar a pior das ocupações humanas. Falta-me o amor da companheira de trabalho, a presença de amigos, o que me obriga a andar por lugares solitários. Sou visto muitas vezes procurando retirar com os dedos, do interior da roupa, qualquer coisa que ninguém enxerga, por mais que atente a vista.

Pensam que estou louco, principalmente quando atiro ao ar essas pequeninas coisas.

Tenho a impressão de que é uma andorinha a se desvencilhar das minhas mãos. Suspiro alto e fundo.

Não me conforta a ilusão. Serve somente para aumentar o arrependimento de não ter criado todo um mundo mágico.

Por instantes, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris. Um arco-íris que cobrisse a Terra de um extremo a outro. E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas.